HOMENAGEM

A

LUIZ DE CAMÕES

REVISTA

BRAZILEIRA

HOMENAGEM

A

LUIZ DE CAMÕES

10 DE JUNHO DE 1880

Rio de Janeiro
N. MIDOSI — Editor
Rua de Gonçalves Dias N. 47
MDCCCLXXX

Por uma dessas tardias evoluções da opinião que levam os desgraçados da vespera ao Pantheon do dia seguinte, Portugal, erguendo-se hoje como um só homem, commemora o terceiro centenario do cantor dos *Lusiadas*, e do nome de CAMÕES faz a synthese sublime daquellas passadas, mas immorredouras, glorias com que em tempos felizes avantajou-se o pequeno reino iberico ás mais adiantadas nações européas.

O Luso batalhador, que defesso de vencer adormecera sobre trophéos mouriscos e castelhanos, teve em era que já vae longe um sonho esplendido — o sonho de Henrique o Navegador —, e imaginou que, estendendo a dextra por cima dos mares, attingia os cobiçados thesouros do extremo Oriente. Despertou, e da plaga de Sagres volveu olhares pensativos para a immensidade do Oceano... Das scismas dos pensadores nascem por vezes os commettimentos dos heróes:

nem muito tardou que o Portugal guerreiro se transformasse no Portugal maritimo, atirando-se impavido, por sobre os pegos *nunca d'antes navegados*, ao emprehendimento do seu ardido tentamen.

Mais feliz do que a Hespanha, do que a Hollanda, do que a Inglaterra, ás quaes nunca se deparou condigno celebrador das proezas maritimas que levaram a effeito, Portugal encontrou em CAMÕES o Homero da circumnavegação africana. Mais ainda: nos *Lusiadas* conglobam-se, com traça admiravel, todos os eventos capitaes da historia lusa. Que divida enorme a da nação assim decantada para com o genio poetico que dess'arte logrou eternisal-a!

Essa divida de gratidão em parte pagou-a outro engenho preclaro, Garrett, quando ao principe dos vates lusitanos ergueu, em poema já celebre, monumento mais duradouro que o marmore e o bronze; essa divida voltam hoje a

solvel-a todos quantos falam o sonoro idioma dos *Lusiadas* e com justo desvanecimento rememoram, como tambem suas, as preteritas glorias da nacionalidade portugueza.

Triplice cadêa prendia o Brazil á metropole lusitana: a identidade de raça e, portanto, de lingua; o vinculo da religião e dos costumes; e o liame politico. Este grilhão era de ferro, despedaçámol-o; mas os outros são de flores, e não podemos, não devemos quebral-os... Que vicejem e floresçam cada vez mais!

Nestes breves dizeres explica-se o éco sympathico que na imprensa brazileira vieram acordar os brados patrioticos de além do Atlantico.

Pela sua indole, pelas suas convicções, pelas suas tendencias, a *Revista Brazileira* não devia conservar-se indifferente a este grande movimento de confraternisação litteraria. Junta a sua voz ao côro altisono que ora se eleva, e espera

que do harmonioso conjunto não destoarão os carmes colligidos neste fasciculo.

A todos os brazileiros que com mais geral applauso cultivam a poesia, sem distincção de seita ou escola litteraria endereçámos convite para que viessem honrar estas nossas paginas. Alguns faltaram — ainda mal! — porém os que vieram, confiados estamos que no juizo publico corresponderão mais uma vez aos elevados creditos de que gozam, e que souberam conquistar em porfiados certames.

A tão prestimosos collaboradores tributamos aqui todo o reconhecimento que lhes devemos.

E aqui tambem lhes cedemos a palavra, aos que falam a linguagem divina! Melhor do que nós elles expressarão o que sentimos com relação ao immortal poeta dos *Lusiadas* e aos feitos grandiosos que na magna epopéa se enarram e synthetisam.

Precedendo os canticos dos poetas, abrimos logar de honra ás palavras de sympathia com que o nosso primeiro compatriota, SUA MAGESTADE O IMPERADOR, dignou-se de honrar estas paginas, associando-se á idéa que ellas symbolisam.

Tão magnanimo testemunho importa uma divida immensa de gratidão; prescindimos de manifestal-a, mas sentimol-a como devemos!

Representante da Nação Brazileira, e amigo das lettras e de seus cultores, não hesito em annuir ao pedido de collocar o meu nome entre os dos meus patricios, que, na grinalda de versos consagrada a Camões, o maior genio da lingua fallada por dois povos irmãos, cantor das maravilhas da navegação, a que devemos o nosso Brazil, conseguiram symbolisar os mais generosos sentimentos, imitando a exuberancia viçosa e bella de um solo, cujas admiradas riquezas offerecemos cordialmente ao espirito industrioso de todas as outras nações.

Estas palavras, escriptas ao correr da penna, cingirão a formosa grinalda, ao menos, como laço de sympathia.

D. PEDRO II

HOMENAGEM

A

LUIZ DE CAMÕES

AVE, IMMORTALIS!

> Que exemplo a futuros escriptores!
> (CAMÕES — *Lusiadas*)

Do semi-deus o vulto athletico, imponente
Se eleva, envolto em luz, no immenso pedestal;
Ajoelhada a seus pés, a imprensa sorridente
Os feudos vem depôr do culto universal!

Oh tu, que cinzelaste a lusitana historia
Nas estrophes gentis de altisono cantar,
Estremece, ó Camões, á doce luz da gloria;
Como o Christo, alevanta a lousa tumular!

Escuta: — em torno, alem, na vastidão disperso
Um hymno jubiloso exalça o nome teu!
O mundo é tua patria; os genios não tem berço;
Deus, como o sol ao mundo, á humanidade os deu!

Tres sec'los se hão volvido... e a inveja e a indifferença,
Dos pequenos o olvido, a ingratidão dos reis,
Pesaram sobre ti, bem como se condensa
No cabeço do monte a nevoa dos marneis

Mas teu genio sublime o sepulcral sudario
Rompeu, jorrando em torno um limpido fulgor;
Após a fome, o exilio e os tratos do Calvario,
Alfim chegaste, ó vate, á gloria do Thabor!

Da Hellade gentil a mais mimosa filha,
Ausonia, a mãe de heróes, que d'Hybla estilla o mel,
Te equipara a Virgilio, ufana te perfilha
E te offerta do Tasso o esplendido laurel!

Tens preitos e ovações tambem na bella Hespanha,
Te applaude a sabia França, a mãe do grande Hugo,
E nas margens do Rheno a inclyta Allemanha
A par de Hegel e Gœthe o nome teu gravou!

Resurge pois da campa, ó semi-deus potente,
Empunha a par co'a espada o livro colossal;
Tu és a encarnação da gloria do Occidente,
O passado e o porvir do velho Portugal!

Escuta : — aos gratos sons do festival convenio,
Com que fremem por ti tão varias multidões,
Casa-se a doce voz dos filhos do teu genio,
Seres que déste á luz nas immortaes canções!

I

VASCO DA GAMA

« Eu sou Vasco da Gama, o chefe ousado,
Que, affrontando á procella a raiva insana,
A cerviz enfreei do mar irado
E fui alem da verde Taprobana :
Do Oriente o vestibulo vedado
Entrei ovante, e a gloria lusitana,
Quebrando a antiga, amesquinhada raia,
Fiz brilhar té nos serros do Himalaya!

« Esforço vão! do tempo a picareta,
Dos nossos culpa, ou força do destino
A' fortuna de Lysia impôz a méta,
Das mãos tirou-lhe o sceptro adamantino!
Eu mesmo, como um pallido cometa,
Si não fôras tu só, cantor divino,
Pela noute dos tempos me abysmara,
Salve, da Lusitania estrella clara! »

II

IGNEZ DE CASTRO

« Febre de amor envenenou-me a vida,
A mais feliz me fez e a mais mesquinha,
D'um poderoso principe querida.
Ai! que sorte entretanto foi a minha!
Viva, suspensa em ancias, dolorida;
Depois de morta, as pompas de rainha!
Rociaram meu collo de alabastro
Espadanas de sangue...eu sou a Castro

« Si a minha historia triste e lutuosa
Ao mundo enterneceu e arrancou prantos,
Si ao lado vivo de Hecuba chorosa,
Ai! não n'o devo aos corporaes encantos!
Foste tu que na lyra sonorosa
Minha dôr immortal tornaste em cantos
E me déste a beber da eterna taça:
Salve, ó meigo poeta da desgraça! »

III

NATHERCIA

« Eu era bella! nas douradas tranças,
Que pelo collo eburneo me desciam,
Se enroscaram desejos e esperanças
Dos corações que os olhos meus prendiam!

Por mim valentes enristavam lanças ;
Por mim odios e zelos se acendiam :
Emquanto est'alma a fluctuar na inercia
Só para ti se abriu...Eu sou Nathercia !

« Mas que valera tanta gentileza,
Si teu estro divino a não cantasse ?
Si tua alma, de eterna chamma acesa,
Como Tasso a Leonor, me não levasse
Comtigo alem na etherea profundeza,
Onde o sopro da morte não chegasse ?
Tu, que de amor ardeste como o Dante,
Salve, ó poeta, até na morte amante! »

IV

ADAMASTOR

« Chamo-me Adamastor, fero gigante
De torvo aspeito e esqualida figura,
A cujos pés o mar horritroante
Nunca sopitas coleras murmura!
Como Cerbéro as portas do Levante
Guardei da Europa á avida procura,
Até que emfim, domando a escura fama,
Desvendou-me o segredo o afouto Gama!

« Correra o tempo...e o genio da tormenta,
Que resguardava o Indico oceano,
Não mais o nauta intrepido amedrenta ;
Sulca o vapor as ondas soberano!

Ah! si da vida o sopro não me alenta,
Si foi fingido e não real meu damno,
Immortal nos teus cantos vivo agora,
Emquanto o sol der luz e orvalho a aurora! »

. . . .

. . . .

Rue por terra a columna e o templo de granito
Que á fé sobreviveu das mortas gerações;
Lasca o raio ao passar giganteo monolitho,
Funde a estatua de bronze a lava dos vulcões;

Mas tu vives perenne, emanação divina,
Mas tu vences, ó genio, á morte o triste horror;
Como brilha de noite a estrella diamantina,
Do tempo a fusca sombra arraia o teu fulgor!

Salve, ó grande cantor da lusitana gente,
Que o estro immenso uniste a um plectro musical!
Para saudar-te agora a musa alipotente
Se erguem n'um brado só — Brazil e Portugal!

Santa Helena Magno

A' GLORIA

Camões, para depôr-te aos pés da amada,
Seguiu-te, oh Gloria, o passo aventuroso;
Beijou-te a cruz da rutilante espada;
Fitou-te o olhar sereno e magestoso;
E, nas aras da patria idolatrada
Sacrificando o sangue generoso,
Inspirou-se no amor immenso e forte,
Que a vida perpetúa alem da morte.

Mas o infeliz cantor, que ao do seu berço
De Nathercia o amor uniu na lyra,
E a par os fez soar pelo universo
Em cantos immortaes, que o mundo admira,
Sempre ludibrio do destino averso,
Sempre do fado escuro exposto á ira,
Viu, — que horror! prematura a rosa amada
Entre os goivos da campa desfolhada.

Do seu paiz, a que votara a vida,
Somente affrontas e desdens tivera,
E a nobre mão a esmolas estendida,
A mesma que por elle combatera!
Ingrato! ingrato! — que alma endurecida
Não maldirá teu coração de féra,
Pois que em descuido estupido, sem nome,
Deixaste o teu cantor morrer á fome!

Mas tu, que atêas fogo ao peito humano,
Si de humano é seguir teu brilho ardente,
Que na alma acendes o desejo insano
Que a sobreleva ao vulgo inconsciente,
Que animavas o bardo lusitano
Na vida triste, asperrima, inclemente,
Bem hajas tu, oh Gloria, que sublime
Vingas de sobra a victima do crime!

Theophilo Dias

LEGENDA DE CAMÕES

I

Quando após o periodo brilhante
Desse heroico delirio universal,
Em que no mundo transitou gigante
A phalange de Gama e de Cabral,
No firmamento viu mais radiante
Refulgir sua estrella Portugal,
— Como a voz inspirada de um propheta,
Ouviu Lisboa os cantos de um poeta.

II

Era um menino então ; e de menino
Tinha n'alma as fragrancias e os ardores,
Quando infundiu-lhe um rosto peregrino
Na mente inspirações, no peito amores ;
Mas quando em doce e louco desatino
Busca de amor colher as puras flores,
O destino lhe brada : « Oh, não, és bardo,
« Segue o fadario teu triste e bastardo.

III

« Obedece á cruel fatalidade,
A' lei que o genio impelle á desventura;
A' céga e vingativa potestade,
Que fere com cegueira e com loucura.
Não vês o bardo helleno, em outra idade,
A tactear em noute sempre escura,
Mendigando, a cantar á turba nescia,
Cantos que hão de immortal fazer a Grecia?

IV

« Lança agora um olhar lá para o norte:
Não vês, nesse hemispherio boreal,
Que o mesmo golpe desferira a sorte
No cantor inspirado de Fingal?
E emquanto o heróe de Selma á lei da morte
Escapa, no seu canto divinal
Elle pedir á estrella adamantina
Um raio para a fronte de Malvina?

V

« Vês um vulto de lugubre presença,
Cujo aspecto semelha um condemnado?
Espectro de sinistra indifferença,
Olhar de visionario desvairado?
E' o velho ghibelino de Florença,
Que passando entre as turbas embuçado,
Dizem-lhe crendo-o transfuga do averno:
« Eis Dante que regressa já do inferno. » (*)

(*) Ed. Quinet, Révolutions l'Italie.

VI

E obedecendo a seu cruel fadario,
Deixa o poeta a praia lusitana:
E, sedento de gloria, o itinerario
Busca da plaga inhospita africana;
Ahi affronta a furia do corsario
Com destemida audacia sobrehumana,
Alimentando n'alma a doce esp'rança
De vêr si a gratidão da patria alcança.

VII

Mas, fatal illusão! Com vil dureza
A ingrata desconhece acção tão dina;
Não que almejasse o herôe de vã riqueza
O thesouro fallaz que o não fascina;
Mas que mais não roubassem-lhe a belleza
Da sua encantadora Catharina,
Esse thesouro só que elle almejava,
E que em mais do que a vida elle estimava.

VIII

Presa ainda de novas amarguras,
Desilludido em todos os amores,
Resolve abandonar essas alturas,
O ninho paternal, o campo, as flores...
E do exilio nas horridas agruras
Tenta esquecer talvez tão cruas dores,
E entre prantos soluça a triste idéa:
« *Patria, non possidebis ossa mea.* »

IX

Como o judeu da biblica legenda
Obedecendo á lei de fado adverso,
Eil-o empenhado na escabrosa senda
De ir em busca da gloria no universo.
E disposto a jamais sentar a tenda
Sem que o destino seu se haja converso,
Nos portos de Ceylão, de Gôa atraca,
E tambem nos de Sonda e de Malaca.

X

Mas, onde quer que chegue, os seus pezares
Pungem-lhe sempre n'alma cruelmente;
Nem á sombra dos indicos palmares
Consegue mitigar a febre ardente:
Fugindo então a humanos vãos olhares,
Busca um refugio á sua dôr pungente
De Patane na gruta abandonada,
Onde dormia a gloria descuidada...

XI

Salve, gruta immortal! gruta famosa,
Que déste abrigo e paz ao genio errante!
Ninho onde essa aguia altiva e valerosa
Ensaiara o seu vôo mais possante!
Tu que ouviste, na lyra sonorosa,
O divino cantar do vate amante,
Pois que complice foste em sua gloria,
Um preito de honra te consagra a historia!

XII

E tu, ó do poeta patria injusta,
De nobre orgulho exulta, ó Portugal,
Que o teu nome, do polo á Lybia adusta,
Ouvirás n'um concerto divinal:
De teu filho a sublime lyra augusta
Conquistou para ti fama immortal,
Que, si não a houveras já preclara,
O seu poema só te celebrara.

XIII

Verás do Tejo as margens sorridentes
Em seus versos sublimes celebradas;
E do Mondego as limpidas correntes
Em doce melodia decantadas;
E as façanhas de teus heróes valentes
Em tão bella harmonia assignaladas,
Que, inebriado aos sons dessa epopéa,
Julgarás ver teu nome na Odysséa.

XIV

E tu, Vasco da Gama, heróe ditoso
Que duas grandes famas alcançaste,
Uma, pelo teu feito grandioso,
Outra, pelo poema que inspiraste,
São tão grandes teu nome glorioso
E o premio que do vate conquistaste,
Que a historia nem sabe qual prefira,
Si a tua descoberta ou sua lyra.

XV

E vós, ó corações apaixonados,
Qu'inda pulsaes de amor na campa fria!
O' Pedro, ó linda Ignez, infortunados
Heróes da melancolica elegia!
Ouvi vossos amores celebrados
Em sons tão repassados de harmonia,
Em cantos de tão celica doçura,
Quaes foram vossos votos de ternura.

XVI

Tudo vôa aos umbraes da eternidade
Nas grandes lettras do poema eterno!
A pagã decaída divindade,
A bella Venus, Jupiter superno,
Uma ilha encantada, a tempestade,
O céu azul, o mar, o negro averno,
E o proprio Adamastor, titão punido,
Ficará immortal, mesmo vencido.

XVII

Mas, escarneo fatidico da sorte!
Elle que fôra heróe e heróes creara,
Da penuria arrastando o jugo forte,
Seu premio busca em vão na patria avara;
Té que, mortal cedendo á lei da morte,
Que o roubando o vingou da turba ignara,
Vôa ao infindo azul, essa aguia ousada,
E vae no céu se unir á linda amada.

XVIII

E hoje que sec'los tres já são passados
Que elle subiu ao pantheon da historia,
Deixando nos seus versos sublimados
O portuguez maior padrão de gloria,
Ante seu grande vulto extasiados,
Entoemos-lhe os hymnos da victoria:
« Portugal e Brazil, povos, nações,
Eternisae o nome de Camões! »

Antonio Pitanga

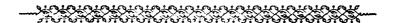
SONETO

Depois de seculos tres, tua memoria
Longe de ser no olvido mergulhada,
Entrando pelo tempo abrilhantada,
Ind'hoje esparge o resplendor da gloria:

Nem póde haver lembrança transitoria
Daquelle, cuja mente ás Musas dada,
Cantou da patria sua idolatrada
Maravilhas sem par, sublime historia.

Celebrando a pujante heroicidade
Do velho Portugal, a tua fama
Percorrerá com elle a eternidade;

E o Genio do Brazil, que arde na chamma
Do puro enthusiasmo da verdade,
Mais do que um Vate, um Semi-deus te acclama.

Barão de S. Felix

CAMÕES

Eu tambem, entre os sóes do universal delirio,
Venho as chispas subtis dos versos meus soltar,
Seja embora este canto o derradeiro cirio
No infimo degráu do portentoso altar.

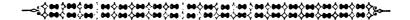
Um suburbio do Bello elle elevou na mente,
Phantastico paiz, de construcções sonoras,
Onde, em templos de luz, n'um formigar fremente,
Fervilha o resplendor de mil milhões de auroras!

Da miseria mordeu no envenenado pomo;
O Golgotha subiu da ingratidão, do horror,
Que as suas mãos, ao fim, foram lamber, tal como
Dominados leões aos pés do domador!...

Seu genio era um grilhão que acorrentava, infindo,
A terra, o inferno, o azul, no adamantino laço;
Sublime embaixador que harmonisou, sorrindo,
O gasto Olympo e o céu n'um fraternal abraço!...

A' esphinge do futuro os senhoris segredos
Arrancou-os audaz e os esfolhou no chão,
E, em caricia, passou os luminosos dedos
Por tua grenha hirsuta, ó mar, velho Sansão!...

Tresentos annos ha que elle pediu esmola...
Do tempo a voz plangente atravessou os muros,
E, em gloria, agora o mundo á triumphal sacola
Da divida lhe atira o capital e os juros!

Affonso Celso

ODE

Aquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.
Lusiadas. C. X. Oit. CXXVIII.

Pobre, esquecido, entregue á dura sorte,
Errando pelo mundo, e o esmolado
Pão comendo, de lagrimas banhado,
Tambem se vence a morte.

Privilegio do Genio!... Eu te venero,
Lusitano Cantor!... Assim viveste;
E na miseria um monumento ergueste,
Digno alumno de Homero.

Vingado estás, Camões!... Si a Patria outr'ora,
Mettida na rudeza, indifferente
Ouviu teus cantos, hoje, reverente,
Teu grande nome adora.

Hoje és de Lysia o orgulho!... E que outro nome
Entre as Nações a fez mais gloriosa?
E essa gloria tão grande e sonorosa,
O tempo a não consome.

De altos feitos heroico pregoeiro,
A par de Eneas elevaste o Gama,
E fizeste, immortal, dos teus a fama
Soar no mundo inteiro.

Não só nas margens do saudoso Tejo,
Tu és, Camões, um vulto de gigante;
Entre Virgilio e Tasso fulgurante
Com luz igual te vejo.

Visconde de Araguaya

OS IMMORTAES

I

BATEL PHANTASTICO

De louca phantasia a nebulosas plagas
O meu batel se arroja; e, desflorando as vagas,
Da branca vela atira ás alvacentas brumas
O phosphorente pó das nitidas espumas.

E as estrellas do céu, na profundez da noute,
Os raios flammejando em pavoroso acoute,
Eram punhaes de prata á dextra negra e fria
Da guarda que volteia o tumulo do dia!

Veleiro é meu batel; a trilha é quasi ignota...
Nem mais veloz no ar arreia-se a gaivota,
Buscando a ilha á tona do oceano azul,
Aos fogos do poente, ao fresco vento sul.

Aonde, ó sonhos meus, me conduzis errante?!...
Quem sois?... phantasma acaso?... Eu creio em ti, ó Dante!...
Pois bem: o mar é largo... os horizontes fundos;
Voemos, meu batel, ás plagas d'outros mundos!

II

O MAR DA MORTE

Que golfo estranho e livido!...
As aves agoureiras
Piam por sobre as ondas,
— Esqualidas caveiras!...
Campeia a lua funebre
Por trás dos montes tredos,
Pharol á morte erguido
Nos cimos dos rochedos!...

De meu batel á quilha
A luz amarellenta
Qu'ella derrama — acende-se
E piedosa... e lenta...
Scentelha é a gotta d'agua
Que aos flancos seus rutila...
Caíndo, — é fogo fatuo
Que a se apagar scintilla!

Cavo marulho, cavo
Revôa á viração...
As atalaias rompem-se
Ao pallido clarão
Da lua que, açulando
As ondas lamentosas,
Estrada esses caminhos
De sombras luminosas.

E' meu batel veleiro...
Aos horizontes largos!...
Silencio! Os mortos dormem
Nos tumulos amargos!
Mysterio d'outra vida,
Porque meu ser esmagas?...
Rezae na vela, ó ventos!
Gemei ao remo, ó vagas!...

III

CÔRO DAS TAGIDES

De paços verdes, esplendidos,
De um leito de per'las finas,
Um talisman nos desperta;
E o fado, que tece as sinas,
Trocou por azas de estrophes
As nossas azas de Ondinas.

Ao nada volve, ao abysmo,
O' golfo que a urna enramas,
Onde o esquecimento aquece
As cinzas d'extinctas chammas!
A morte morre no Tejo,
Nessa mortalha dos Gamas!

De cada estrella ao lampejo
Em claras noites de maio,
Qual vasta cóta de malhas
Se espelha o Tejo em desmaio....
E a gloria passa a revista
Aos mil espectros de raio.

Ha um prestigio nos astros
Que nos encanta os destinos;
Que ao nosso condão de fadas
Os limbos surjam divinos,
Com seus campos de esperanças,
Com seus muros peregrinos.

IV

OS CAMPOS ELYSIOS

Detem-te, sim, detem-te, imaginar ousado!...
Eis uma flecha d'ouro, — aqui fique amarrado
O meu batel, emquanto minh'alma alonga a vista
A' praia que se encurva, ao prado que se avista.

O' musa! A minha sombra
A faiscante areia d'espesso véo ensombra....
E tanto mais se estende, e tanto mais se arrasta,
Quanto a muralha cresce e meu batel se afasta!...

Tão só! Já do crepusc'lo aos toques cambiantes
A murada golfeja a luz dos diamantes,
Que vae bater ao longe e na maré eterna,
Qual da Vestal na lage a lucida lanterna.
Entremos. Quanta calma! As nuvens azuladas
A deslisar no espaço aereas, abraçadas....
Saltando, a ave canta em florescente falda,
E vôa da palmeira á cesta de esmeralda,
Ou cedro que balança a coma caprichosa
No ether crystallino, e brando, e côr de rosa.
Das longas avenidas,
Quem sabe o rumo seu? — lá vão, lá vão perdidas,
A espreitar de manso, — e a susurrar de leve
Ao banho da sereia, — o braço e mãos de neve.
O alvo cysne encolhe, a se arrufar de frio,
O recurvado collo ao murmurar do rio;
E rasga a espuma e junta os pés que ergue á tôa,
E boia, e canta, e dorme ao fluxo da lagôa.

Porém.... que vejo? — Sombras solemnes, magestosas,
Aos versos do poema as cordas sonorosas
Da lyra magoando e os limbos triumphaes,
E a gloria a lhes sagrar os myrtos immortaes.

Eu vi passar tranquilla a multidão immensa:
A' frente o cégo Homero, Virgilio, e de Florença

O bardo que de Magra na floresta obscura
Pedira a frei Hilario a paz — doce amargura!
Seguiam, palhetando um radioso traço,
E Milton, Klopstock e Ariosto e Tasso,
Ossian e Sadi; a tragica harmonia,
O Shakspeare; e Voltaire, satanica ironia,
O epico da França; Bazilio e Santa Rita,
O cantor de Lindoya e o de Moema afflicta.
E qual visão que narra o livro dos prophetas,
Eu vi na confusão mais sombras de poetas,
De sabios, cujo nome é symb'lo das conquistas:
Os reis do pensamento e gerações de artistas.

Mas, como o sol nascente a se avultar nos ares,
Emquanto a meio o encobre o turbilhão dos mares,
Eu vi — n'um lago infindo — em morna atmosphera,
A cup'la colossal de bipartida esphera.

Era um zimborio ingente, um vasto monumento
De doze portas, tendo frontões e ornamento
Aos pontos cardeaes: e perto e mais distantes
Os epistylos d'ouro aos hombros dos Atlantes.

A reflectir-se n'agua o monumento excelso,
Era o zimborio um globo, -- o globo do universo!

Acima, d'arte antiga em molde o mais severo,
Um templo se mostrava, e circular, austero....
De cada columnata á abobada singela
Ca'a, até o lago, estrella apos estrella,
Degraus d'eterna escada ao fulgurante solio,
Por onde o genio ascende ao templo-capitolio.

V

CÔRO DOS ATLANTES

Meus membros são tétanicos!
E cresce a força, e medra!..
O mundo sobre o dorso!
Gasto um coxim de pedra!...
O peso do universo
Aos bronzeos musc'los meus!
O' pena dos Atlantes!...
O' dôr dos Prometheus!!...

VI

TRITÕES E NEREIDAS

(NO LAGO DA IMMORTALIDADE)

Nós somos as Nereidas,
Tritões, filhos do mar.
Por trompas, — temos buzios;
E do profundo lar
As conchas nos guarnecem
As algas do collar.

No mar Egéu nascidas,
Nereidas somos ternas;
Um dia... foi na India,
Que as grutas mais internas
Deixámos, vindo em tropa
Das liquidas cavernas.

Tritões somos, Nereidas,
Gerados n'outro lar;
A prôa lusitana
Aqui nos fez chegar,
Ao lago onde se afoga
O céu, a terra, o mar...

O templo é templo aberto; metópa e columnatas
Das côres são do sol nas aguas das cascatas...
Suspensa era uma lyra, — harmonico thesouro,
A' frisa de saphira e com triglyphos d'ouro.

De toda parte eu vi a phalange divina,
A's luzes imponente, o chão de coralina
Roçar com a veste branca a desatar-se em flôres,
Na cythara vibrando um hymno aos vencedores,
E dos heróes á gloria, acções, aos feitos grandes,
Sublimes como a Grecia, eternos como os Andes!...
As sombras no recinto
Penetram, — rescendendo ao nardo e ao jacintho;
E da caçoula acesa a myrrha e ao aloés,
De cada estatua ou nicho a fumegar aos pés.

Ao tecto, uma corôa d'estrellas se engastava,
E a immortal corôa o templo illuminava.

Eu vi, alas formando, e d'um e d'outro lado,
Aquella multidão de olhar sempre inspirado;
— Pomposa romaria aos tres sec'los da gloria,
Que ao genio ia levar a palma da victoria.
Aqui, alli, alem, os lusos navegantes
O queixo descançando ás ancoras brilhantes...
Vespucio e Magalhães, Colombo, o illustre Gama,
Cabral, que tem chegado aos capiteis da fama.
Depois... sobre um altar, e niveo e grave e puro,
Havia uma c'rôa de lhama e bronze escuro;
E tres velhos do templo, — os magos d'essas aras,
Tomaram-n'a mais alto que frontes tão preclaras.

A' tripode erigida em face ao santuario,
Resguardava a Vestal o fogo do sacrario.

Então, nem mais siquer ouviu-se uma harmonia.
Calou-se a bayadéra, — e a cr'ôa reflectia
D'estrellas, no lagedo um sulco resplendente,
E um vulto assoma e entra, — *um novo engenho ardente*.

Elle caminha ovante: é mais que um ser humano;
Fechou n'um livro um povo e a alma do oceano!

E' bello! E' Portugal seu berço idolatrado;
Poeta e cavalleiro, a espada do soldado
Cinge — e a cota d'aço a desdobrar-se em malhas,
— A lyra acostumada aos écos das batalhas.

E lá, lá n'esse altar, alta · nobre, infinito,
Dos tres sec'los a c'rôa, em centenario rito,
Eu vi descer-lhe á frente, e aos mysticos clarões :
— « A' gloria do seu tempo, ao immortal Camões! »

VII

CÔRO DOS BARDOS

Subi, subi da lyra, ó fervorosos cantos,
Aos gryphos de porphyro, ao marmor dos acanthos!

VIII

CÔRO DAS BAYADÉRAS INDIAS

Bem como o lotus limpido,
Turbando o azul do Ganges,
O' harpa, que a meus dedos
E aos meus accordes tanges,
Deixa correr ardente
A sacrosanta flamma,
Que consagraste a Siva
Nos templos do deus Brahma!

Ao celebrar do genio
O centenario augusto,
Quando tres sec'los hoje
Vêm laurear-lhe o busto,
Que sejam teus cantares
Um hymno soberano
Ao rei das epopéas
Da patria e do oceano!...

Dr. Mello Moraes Filho

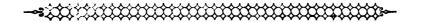
A CAMÕES

Jamais se apagará das paginas da historia
Teu nome que, immortal, fez immortal o Gama.
Nem póde a mão do tempo amesquinhar-te a fama,
Nem conseguiu a inveja escurecer-te a gloria.

Fizeste reviver dos Lusos na memoria
Da patria o santo amor, que os corações inflamma.
Por isso a gratidão dos teus irmãos reclama
Homenagem real, sagrada e obrigatoria.

O velho Portugal, de novo erguendo as vistas,
Sosinho a descançar das celebres conquistas
De ambiciosos reis — á sombra de seus louros,

Hoje paga um tributo ao genio teu profundo,
Celebra a tua gloria á admiração do mundo,
Teu nome revelando aos seculos vindouros.

Eduardo de Carvalho

PREITO AO GENIO

Salvam do olvido as musas.
(*Camões* — Garrett.)

Rolam dos secl'os as vagas
Dos mundos nas vastas plagas
Suas eternas marés...
O tempo, sempre inflexivel,
Co'as patas, duro, terrivel,
Esmaga os Povos e os Reis!

Cáem por terra, em fragmentos,
Thronos, d'arte os monumentos,
E as soberbas cathedraes,
Quando ás portas das cidades
Esses tufões das Idades
Passam rugindo fataes!

Sempre essa eterna ameaça !
Vem, depois d'uma, outra raça ;
Muitas depois hão de vir !
E o vasto tum'lo — o passado —
Fecha com bronzeo cadeado
Do esquecimento o Porvir.

Mas quando essa immensa vaga
Do sec'lo as raças apaga,
Confundindo as multidões,
Só elle é perpetuo... eterno...
— O genio —, o poder superno,
Ou seja Homero ou Camões.

Sabem seu nome as Idades ;
Os Povos, as mil cidades
O dizem grande, immortal.
No vasto templo da Historia
Monta o seu padrão de gloria
Sobre excelso pedestal.

Por isso o sec'lo, que passa ;
Nós — os filhos desta raça
De grandiosas tradições,
Vamos — rota do passado,
Cumprindo um dever sagrado,
Render um preito a Camões !

Elle era um grande poeta,
Vasta fronte de propheta
Que sacra chamma inspirou;
Daquelles labios vehemente
Jorrava o canto fremente,
Qual nunca mais se escutou!

Quando em lettras portuguezas
Viram-se tantas riquezas,
Tantas galas reluzir?!
Quando viu-se subir tanto
Em labios de homens o canto,
Quanto Camões fez subir?!

Esse livro dos Lusiadas,
Que canta as grandes Illiadas
Da Portugueza Nação,
E' exemplo vivo e novo,
Que muitas vezes a um Povo
Torna immortal a canção.

Amou sua Patria!... Soldado
Fez-se por ella!... cançado,
Quando elle as armas deixou,
Foi p'ra tentar novos pleitos,
Foi para cantar os feitos
Do Povo, que sempre amou!

AUTONOMIA COM RESTRICÇÃO

Proclamou-se a Independencia
Do Brazil, como era justo,
E da Patria o nome augusto
Ouvimos já cidadãos.
Não nos prende alem do Atlantico
O grilhão de regios donos,
Deixámos de ser colonos,
Para só sermos irmãos.

Passarmos de Reino a Imperio
Pouco avulta, mas, ao menos,
Si ainda somos pequenos,
Tambem não somos anões.
Cumpre que o facto politico
Não prejudique a pureza
Da aurea lingua portugueza,
Cujo grão mestre é Camões.

Padre José Joaquim Corrêa de Almeida

O MONSTRO

No tormentoso cabo, ultima raia
Imposta á carga do membrudo Atlante,
Lá onde o salso gado em suja praia
Muge feroz, rebenta estrepitante,
Perdida, remotissima atalaia,
Erecta ao Austro incognito e distante,
Dorme converso em dura penedia
O que o céu combater ousara um dia.

Mas, de opprobrio e vergonha carregado,
Seu genio bellacissimo e maldoso
Conserva aquelle paramo vedado
A todo esforço humano astucioso,
E tem por firme que jamais arado
Será de ousado lenho o mar undoso,
Por onde o cerca a imagem fugitiva
Daquella que lhe fôra sempre esquiva.

Quando seu vulto feio, o mar rompendo,
Affronta as náos que vão, pela agua fria
Prodigios nunca vistos commettendo,
Buscar as terras onde nasce o dia,
Rebenta o mar em flor n'um coro horrendo,
Um temor grande as carnes arrepia,
Luz o fuzil, os raios estourando
Vão pelos ares longos reboando.

Houve, porém, um monstro mais ingente,
Que mais saíu das regras da natura:
Foi esse cuja força omnipotente
Do passado rasgou a noite escura;
E, por ser-lhe seu tempo insufficiente,
Inda atravez dos seculos perdura,
Muito maior que Adamastor titaneo,
Pois o pôde crear dentro do craneo.

Assis Brasil

SAUDAÇÃO A CAMÕES

I

Que estrella nova assoma do Oriente!
Que luz! Que luz! Que astro soberano!
E contra um mundo de porvir ingente
Vae tombar nos abysmos do oceano!
Surge, Senhor, defende, o'Deus clemente,
Ajuda ao teu poeta o esforço humano.
Salve, tres vezes divinal victoria!
Eil-o no porto o heróe e a lusa gloria.

Oh! livro, que das ondas triumphaste,
Do immortal nadador na mão gigante,
Tu que salvo por elle a elle salvaste
E aos guerreiros da fé nome brilhante,
Livro, livro da gloria, qu'inundaste,
Que inundas Portugal de luz constante,
Do mar dos tempos vencedor superno,
Tu brilhas astro em firmamento eterno.

II

Luiz, Luiz de Camões,
Gemeste afflicto na vida?
Rara entre roseos festões,
Tu viste que entre afflicções
A idéa grande é nascida.

Gemeste? Mas teus gemidos
Tiveram éco immortal.
Pelo mundo repetidos
Côam fundo enternecidos
Na alma do teu Portugal.

Tregua, gloriosa nação,
Tregua á pungente saudade.
Hoje alegria, expansão:
Grinaldas, festa, ovação
Ao poeta da eternidade.

Que epopéa, heroica historia
Para ensino das nações!
Que concerto de victoria
Entre feitos de alta gloria
E a aguia — genio de Camões!

A' luz da historia eternal,
Que o sol do poema encerra,
Como espanta colossal
O vulto de Portugal
No chão de tão parca terra!

Não, com elle não morreste,
Patria, que elle tanto amou!
Si nem as glorias perdeste!
Vives grande, qual viveste,
No immenso que te ficou.

Vae, busto de Egas Moniz,
Pharol de idade em idade!
A par co' o exemplo feliz,
O amor patrio de Luiz
Lembra eterno á mocidade.

Do paterno ninho amado
Por pregão alçou-se ao céu.
Mar dos tempos, por mais que andes,
Não chegas aos nomes grandes
De Camões, do povo seu.

III

Irmão de Portugal, o imperio do Cruzeiro
Saúda-te, Poeta, e o nome teu acclama.
Na festa universal, que toca ao mundo inteiro,
Aos teus e a nós o peito igual, igual se inflamma.

Do peito portuguez a caixa de diamantes
Foi quem da Santa Cruz nos trouxe o estandarte:
Poeta, gloria a ti, que aquelles navegantes
Cantaste-os immortaes com tanto engenho e arte.

Saúda-te, Camões, das selvas magestosas,
Que os troncos guardam inda á creação do mundo :
Saúda-te o Brazil das margens deleitosas,
Da foz do rio-mar, que amaina-se jucundo.

Acclama-te, de pé, das altas serranias,
Acclama-te aos trovões da immensa cachoeira,
Das rendas deste mar, que tu de longe vias,
Das chammas do equador, e da alma brazileira.

Brisas dos mares dois, que a flora soberana
Da America osculares no berço dos palmares,
Levae, levae o odor á plaga lusitana
Em honra á epica tuba e á lyra dos cantares.

Levae os tenues sons das harpas deste povo,
Que o hymno de Camões aos céus em vão pediram :
Levae a orchestra magna, o poema sempre novo
De jubilos irmãos, que amor igual respiram.

Joaquim Ayres de Almeida Freitas

CAMÕES

Onorate l'altissimo poeta.
(DANTE)

Si na abobada celeste
Deus o astro-rei gravou
Para suster as espheras
Nas curvas que Elle traçou;
Ser o centro harmonioso
Desse orbe portentoso,
Qu'Elle regula e conduz,
Assim o vate, entre os povos,
Collocou, velhos e novos,
Como um fanal, uma luz.

E' genio o guerreiro ousado
Que mede o campo com o olhar
E colhe trophéos e palmas
E vê reinos a tombar;

E' genio o nauta atrevido,
Que, no mar enfurecido
Nas azas do furacão,
Vae descobrir novas serras,
Novos rios, novas terras,
Povos de outra região.

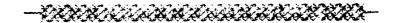
E' genio aquelle que passa
Noite e dia a reflectir
Sobre as leis da natureza,
No que podem influir;
Que em suas lucubrações
Acha grandes invenções
Dando á materia valor,
E lhe imprime a faculdade
De ter quasi liberdade;
Descobre a imprensa e o vapor.

O maior, porém, dos genios
E' o rei da inspiração;
Aquelle que toma a lyra,
E, em soberba exaltação,
Proclama os feitos famosos
De seus heróes mais briosos,
As glorias das gerações;
Que perpetúa a virtude
Nos doces sons do alaúde,
Como fizeste, Camões.

E o gigante Adamastor
Ainda relata aos ventos
Suas maguas, seus tormentos,
A historia de seu amor.

Maria, a filha formosa
Inda pede auxilio ao pae;
Ignez, ainda abraçada
Aos filhos, exangue cáe....
Vêm-se ainda os roxos lyrios...
De Sepulveda os martyrios...
E sobre o ceruleo mar
Ainda a bella Chyprina
Traz a ilha peregrina
Com seus vergeis e pomar.

Salve, ó Lysia, teu Poeta!
Salve o dilecto cantor,
Que te ergueu um monumento
Como vate - historiador.
Em honra do genio agora
Seu nome se commemora,
O preito devido tem.
A mesma lingua falamos:
As ovações dividamos;
Si é teu, é nosso tambem.

Manoel Jesuino Ferreira

SONETO

Um dia, junto á foz do brando e amigo
Rio, de estranhas gentes habitado,
Pelos mares asperrimos levado,
Salvaste o livro que viveu comtigo.

E esse que foi ás ondas arrancado,
Já livre agora do mortal perigo,
Serve de arca immortal, de eterno abrigo,
Não só a ti, mas ao teu berço amado.

Assim, um homem só, naquelle dia,
Naquelle escasso ponto do universo,
Lingua, historia, nação, armas, poesia,

Salva das frias mãos do tempo adverso.
E tudo aquillo agora o desafia.
E tão sublime preço cabe em verso.

Machado de Assis

A CAMÕES

Præter laudem, nullius avaris.
Horat.

I

Incessante estimula e acende o genio
O anhelo de viver alem da campa.
Do olvido em odio, Cesar deu seu nome
Ao conhecido mez que o rememora;
E tu, Camões, de ingente gloria avaro,
Ergueste aos astros, em sonoro metro,
Eterno carme a relembrar-te aos evos.
De teu alto renome ufano o Tejo,
Em firme pedestal hoje te sagra
Monumento sem par, entregue aos seculos,
E do tempo voraz vedado aos damnos.

II

A fama, que altos feitos perpetúa,
Instigou-te a ambição, desde mancebo,
E o animo audaz te inclina, arrasta
Das armas ao fulgor, de Marte aos riscos.
Já sofrego no afan abres caminho
De Ceuta ardente aos celebrados mares.
Eis surge a maura frota, ao prelio vôas;
Na luta infrene, na briosa audacia,
Assella-te o valor o sangue esparso,
E entre os écos do applauso a armada inteira
Te acclama o jus ás cobiçadas palmas.

III

Mas de Eólo o furor, grato a Neptuno,
Mal convem co'o remanso ás musas dado;
Já despraz ao mancebo a dura faina,
Onde encetára a juvenil coragem.
Por soberana dextra escripto vinha
Que aos posteros cantasse o moço egregio,
Em altiloquo estylo, a lusa historia.

IV

A' luz da inspiração acesa a mente,
Attonito Camões contempla o assumpto
E traça sublimar se á grata empreza.
Sobre graves estudos se desvela,
E com igual ardor constante escuta
As praticas das musas no alto assento;

Das sciencias vencida a rude encosta,
Desfere altivo o vôo ao monte Aonio.
Lá, entre os floreos enredados myrtos,
As doutas virgens presto lhe desvendam
Os mysterios do verso ousado e culto,
E n'um sorriso lédas lhe promettem
Com a laurea immortal cercar-lhe a fronte.

V

Ao futuro cantor que já se ensaia,
Ora na agreste avena, ora na lyra,
Os palmares do Ganges se afiguram
Instando que não tarde ao nobre empenho;
Mas de Nathercia supplicas continuas
Coração e vontade lhe entorpecem.
Ao intento lhe sois tambem estorvo,
O' formosa Ulysséa, ó Tejo ameno,
Mas da patria o amor de prompto vence
Saudades vossas, mil saudades della.

VI

Por entre os véos da noite, que medonha
De negras sombras cobre o vasto pégo,
As indianas ribas demandando,
Soberbo galeão conduz o vate.
Contemplando o mancebo a excelsa esphera,
Assim desprega a voz : « Estrella santa,
Que a minha sorte reges, sê-me fausta!

Não por mim, pela patria me aventuro,
De plaga em plaga, a regiões longinquas.
Ó ventos, que irrompeis sobre os abysmos,
Si destes ermos tendes lato imperio,
Vedae-me em seu regaço inglorio termo. »

VII

Eil-o já sob a abobada diaphana,
Donde primeiro o sol no azul assoma,
E dos raios inunda os altos picos.
Lá, clara se lhe antolha a scena immensa
De mil famosos inclytos successos.
Em plena luz então admira o vate
As façanhas gentis, que a patria honraram,
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque,
Heróes, que os amplos campos indianos
De seu sangue, e do barbaro coalharam.
Vê Malaca, vê Gôa, Ormuz soberba,
Rendendo preito ao lusitano ferro.
Já presto consagrar no canto anceia
As preclaras facções, as priscas eras.
Frouxos, discordes sons sómente solta;
Vós, porém, lhe acudis, formosas Tagides,
E benignas lhe daes a voz dos numes.
Logo afoito na tuba, que já clama
De seu berço os pregões mandar em alto,
Sonoroso louvor a estranhos climas,
Enceta o vosso alumno ardua fadiga.

VIII

Já no seio lhe ferve a idéa e o estro,
Correntes de harmonia espraia o vate,
E paineis immortaes perfaz na téla.
Ora, canta os barões assignalados,
E quanto ousaram pela patria gloria;
Ora, em fino lavor, e vivas côres,
Com valente pincel paixões nos pinta;
Ora, amorosos joviaes sorrisos.
Na rima que fieis quadros debuxa,
Em furia Adamastor inda braveja;
Inda estronda o canhão no marcio campo;
Da desditosa Ignez os ais pungentes
Inda a brisa repete em voz sentida.

IX

Entre as aureas ficções que a mente enlevam,
Força de fado hostil persegue o genio,
E não lhe dá lograr immune os louros.
Camões saudoso o lar e a patria busca.
Vae repetindo as coplas que cantava,
Alongado dos seus, a estranhos écos;
Vós, porém, do oceano ó ternas auras,
Em rapida carreira até ás praias,
Levaveis a Nathercia os sons divinos.
Subito vela o dia atroz negrume;
Fogos dispara o ar, a náu immerge
Em montanhas de espuma o aéreo tope.

O sublime poeta, erguida a dextra
Para o canto livrar das ondas cruas,
Levar se deixa da veloz corrente,
Entre os braços da morte fluctuando.
Quão ditosos os que restaram na Asia,
E ignotos nos sertões a campa esconde!
Mas quem os orbes extraíu do nada,
E a terra senhorea, e o mar domina,
Sopeando os tufões no equoreo seio,
Do nome portuguez preserva a gloria,
E co'o bardo as canções em que resoam
Os barões que da praia lusitana
Passaram inda além da Taprobana.

X

Nascido para lanço de máu fado,
Eil-o a romper por turba de invejosos;
Peitada pelos máus, calumnia o vexa;
Mas das hervadas flechas que lhe vibra
No desterro o consola a arte divina.
Tu, generoso Jáu, provado amigo,
No escasso pão da esmola dás-lhe amparo.
Já de usado a lutar contra o destino,
Ingratidões da patria esquece prompto,
Da patria que altos feitos intentando,
Menospreza a quem sabe harmonioso
Dar-lhes no canto perennal memoria.

O' Cysne, honra do Tejo, entona a fronte,
Avassallado tens a morte indomita ;
Hoje mais do que nunca a tua gloria,
Alastrando de luz os teus vestigios,
Sobre o abysmo dos seculos resplende,
Nas pandas azas da epopéa eterna.

J. C. Bandeira de Mello

A CAMÕES

Entre dois sonhos — lida mal sonhada —
De phantasias mil a phantasia
Viveu, como su'alma desvivia
De seus fundos cuidados mal cuidada.

Em lembrança da patria deslembrada
A gloria sua a gloria della erguia;
Escura noite lhe surgira o dia
Na viva luz da formosura amada.

Partido o coração, a alma partida
Naquelles sonhos, vasta immensidade,
Era-lhe a vida morte, e a morte vida!

Hoje renasce na immortal saudade:
Tem nos versos a patria aos céus erguida,
E o seu amor n'um templo — a eternidade!

José Bonifacio de Andrada e Silva.

A LUIZ DE CAMÕES

....monumentum ære perennius,
Regalique situ pyramidum altius!
HORAT., *Ode* XXX, *lib.* III.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.
LAMARTINE, *Médit. poét.* XIV.

E' meu silencio o preito de homenagem
Que neste dia ao nome teu consagro.

Igual ao da nação que libertaste
Do fundo esquecimento — é tua gloria.

Si um dia a patria lingua se perdesse,
Bastára o teu poema-monumento
Para a levar ás gerações futuras.
Si alguem comtudo ao lado teu existe
Que possa eternisar o nome luso,

E' Antonio Vieira, o pulcro vate
Da oratoria sagrada, que esta lingua
— Tão bella, harmoniosa, peregrina —
Soube após ti melhor usar no mundo.

O nome teu no orbe inteiro ecôa
Indiscutivel: teu poema é lido
Em quanta lingua a humanidade fala:
E ninguem como tu subiu tão alto...

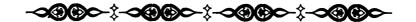
Maior que o nome teu — teu infortunio!

Tresentos annos ha que á terra déste
O que podia em ti morrer na terra,
E teu vulto parece que inda cresce
E cada dia um novo louro colhes!

Camões!
o mundo todo neste dia
Rende á tua memoria o preito augusto
Que o transitorio ao immortal consagra.

Mas eu, humilde verme que rasteja
Pelo limo da terra, da penumbra
Do esquecimento a que me acouto, apenas
— Para a corôa que te entrança a fama
E a geração hodierna te renova—
Apenas posso ignota folha dar-lhe.

Outros dirão qual foste, o que penaste,
Quanta miseria amargurou teus dias,
Que viveste de esmolas, que a indigencia
Te seguiu passo a passo, até renderes
N'um hospital o derradeiro alento,
— Oito annos depois que havias dado
A' terra ingrata, em que nasceste, o livro,
Que é hoje o seu melhor quinhão de gloria;
Eu a teu nome apenas erguer posso
A eloquente homenagem do silencio.

J. A. Teixeira de Mello

A CAMÕES

Porque razão a negra desventura
Dos vates immortaes se prende á vida?
Porque razão Homero, Milton, Tasso,
O mundo abrilhantando, padeceram?
Parece que só Deus, que envia á terra
Esses genios sublimes creadores,
Poderia explicar um tal mysterio.
O quadro que ora fito apenas mostra
Que da gloria o caminho é só d'espinhos.

. . . .

Nenhum padeceu mais que o luso Cysne,
E nenhum amou tanto o patrio ninho,
Nem por elle empregou tão grande esforço.

. . . .

Que mal causou Camões? Qual o seu crime?
Amar de um grande a irmã, gentil donzella,
Que lh'estendia ardente a mão d'esposa?
A mais alta grandeza é merecel-a,
E o mais bello brazão pertence ao genio.

. . . .

Que mal fez elle ainda? A' voz da honra,
Os vicios flagellar dos que mandavam?
A cegueira do povo é que tolera
Dos grandes a vileza e a tyrannia.

....

A missão que no céu lhe foi imposta,
Elle a cumpriu a troco de tormentos.

....

Pela patria soldado deu seu sangue,
No rosto lhe ficando impresso o cunho
De seu valor e sua galhardia.

....

Da terna lyra as notas amorosas,
Os tristes ais das maguas que soffria,
Modelos são que o tempo inda conserva,
O tempo que só poupa o que é perfeito.

....

Pelas Tagides Musas inspirado,
A épica trombeta altivo emboca,
E de Lysia espalhando então a fama,
Seu proprio nome espalha eternamente.

....

Aquillo que do mar o immenso abysmo
Respeitou, alli vendo a luz da gloria,
E' um canto immortal que o mundo admira,
E os écos vão constantes repetindo;
Monumento que vence a pedra e o bronze,
Que nunca teve igual, nem terá nunca.

....

A fé, a honra, o santo amor da patria,
Valor, justiça, piedade, o olympo,
Tudo quanto sublime s'imagina,

APOTHEÓSE

Elle foi um Artista Soberano,
E só teve na Arte um Idéal.
Era a Patria. Por isso Portugal,
Que Elle amou com alma de Romano;

A quem disse, mirando-o no Oceano:
« Podes morrer, que eu torno-te Immortal »,
E' hoje o vasto, o immenso Pedestal
Do vulto do Poeta sobrehumano.

Nesse bronze que os tempos não consomem,
Elle paga uma divida de gloria,
— A maior que um paiz deveu a um homem—.

E de joelhos no Chão da sua Historia,
Lembrando-se da grande ingratidão,
Pede ao deus dos *Lusiadas* — perdão!

Joaquim Nabuco.

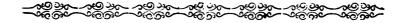
IGNEZ E CATHERINA

Duas Mulheres chegam-se, medrosas,
Para perto da Estatua, cuja fronte
A Manhã que desperta no horizonte
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,
Cujos fios de luz não ha quem conte.
Mas quem são essas fórmas vaporosas,
Como as nevoas que descem sobre o monte?!

Uma traz as *hervinhas*, com as flores,
Que Ella colheu na Fonte dos Amores
A quem *depois de morta a fez Rainha;*

A Outra, que era a Vida, era o Desejo,
Que enchia a grande Alma que Elle tinha,—
Noiva da sua Gloria,—traz-lhe um beijo.

Joaquim Nabuco

CAMÕES

Quando eu era criança, uma velhinha,
Uma santa mulher que me adorava,
Fazia-me rezar e após contava
Mil historias dos anjos e dos céus.
Eu, absorta, a sorrir, socegadinha,
Decorava esses contos — maravilhas —
E julgava as estrellas grandes ilhas
Donde as crianças mortas viam Deus.

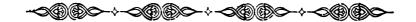
Uma noite explicou-me a boa velha
Que mesmo d'alem campa os escolhidos
Seguiam nossos passos, escondidos
Entre as nuvens da tarde. Oh! doce fé!
Si não mentem as crenças, si a scentelha
Que se apagou na terra — o amor divino —
Renasce nas espheras, si o destino
E' dictado do alto, si assim é,

Devem os que partiram ter momentos
De infinito gozar! Que vale a vida,
Ephemera passagem dolorida
Quasi sempre, si a morte é um fanal?
Quem não anhelará mil soffrimentos,
Desterros, injustiças, tempestades,
Amarguras, naufragios e saudades
Para alcançar a aureola d'immortal?

Si *elle* os vê, os irmãos que o olvidaram
Entre os horrores da miseria extrema
Quando escrevia o magico poema,
Que curva o mundo inteiro ante a nação
Com elle moribunda, os que deixaram
Que o prendessem em Gôa e que em Sofala
Gemesse escravo, oh! ha de abençoal-a
Essa dor que o matou — a ingratidão.

Tresentos annos já, e a gloria immensa
Que *elle* legou á patria agonisante
Surgirá do silencio, mais brilhante
A cada novo sec'lo que passar.
Querem saudal-o os reis, o povo, a imprensa;
Todas as nações cultas, á porfia,
Dão-*lhe* flores e brados de alegria...
Transluz o enthusiasmo em todo o olhar.

Salve, Camões! tu que trocaste os louros
Que a fronte te cingiam por estrellas
Manda á sombria terra os raios dellas
A illuminal-a, e nota ao seu clarão
Como és amado! que suaves coros
Enchem o ethereo espaço, pois não basta
A terra já á grande, enthusiasta
Festa d'amor de toda uma nação.

Adelina Amelia Lopes Vieira

A LUIZ DE CAMÕES

> **Definha á mingua, só, desamparado**
> **Dos amigos, do rei, da patria indigna,**
> **O cantor dos Lusiadas...**
> **(Garrett — *Camões*, Canto X.)**

Tu, cuja mão divina outr'ora mendigara
Um bocado de pão, amargo e doloroso
A' Patria — ingrata e surda ao teu gemer piedoso...
Ai della! ingratidão que lhe custou tão cara;

Tu, para quem o mundo infando reservara
Dos martyrios lethaes o drama angustioso:
As torturas da fome... — o catre vergonhoso...
E nem siquer teu corpo augusto amortalhara;

Oh Mendigo immortal! Oh Victima sagrada!
Exulta! Exulta emfim dentro da campa fria:
Vingaste-te, Camões! — A patria ajoelhada

Humilde vem pagar-te os juros da quantia,
Que imploraste a morrer, na enxerga abandonada:
Os juros desse pão — que ella negou-te um dia.

Luiz Guimarães Junior

O MILLIONARIO

FABULA

Jaz moribundo no leito,
Dos miseros n'um hospital;
Entretanto satisfeito
Vê o instante fatal.
« Na morte a mesma pujança
Da vida tu inda tens?
Alguem lhe diz: — Tua herança
Eu quero, dá-me teus bens.»

— Minhas riquezas te entrego,
Puras, immensas, reaes;
Pobre, louco, quasi cégo
Juntei esses cabedaes.
A' patria tu deves dal-as,
Em que nasci, Portugal;
Ahi vão as suas galas,
O que foi, tudo o que val. —

O derradeiro suspiro
Aquelle peito exhalou,
E do hospital no retiro
O futuro delirou.
Depois.... Um homem de menos,
E uma cova de mais,
E nem dos crentes os threnos,
Nem terra um — *aqui jaz*.

O justiceiro futuro
A Portugal entregou
O thesouro immenso, puro,
Que o moribundo deixou.
Foi então que a patria ingrata
Pôde o erro conhecer,
E, grande, grave, sensata,
Fez o morto reviver.

E a herança do genio
Vae passando ás gerações,
Em cada seculo um proscenio,
Tem novas adorações.
São enormes seus erarios,
Ninguem os possue assim,
Dos pobres millionarios
As riquezas não tem fim.

.˙.

A herança vae crescendo,
E os herdeiros tambem;
Dois povos vivem bebendo
Bellezas que um livro tem!
Dás vida, genio fecundo,
Em brilhantes creações,
Ao velho e ao novo mundo,
MILLIONARIO CAMÕES!

Dr. Anastacio Luiz do Bomsuccesso

A HUMANIDADE

— Hymno para ser cantado na sessão sociolatrica da festa brazileira em commemoração do tricentenario de Camões—

I

Bemdito Ser! Em ti se encerra
A vasta humana descendencia.
Ao teu amor uniu-se a Terra,
E nella luz tua existencia!
    Em nos prendendo ao que já fôra,
    Tu nos ligaste ao que ha de vir.
    Bemdita seja a tua aurora!
    Tres vezes santo o teu porvir!

        Avante, irmãos, avante!
        Resáe da Ordem-luz...
        A ti, Progresso ovante,
        Eterno Amor conduz!

II

A' natureza dando alento,
Viver lhe dando ao nosso igual,
Iniciaste o monumento
Do grande Templo. social.
Teu primitivo genio ascende
E do Fetiche ao Mytho vôa :
A legião do Olympo esplende,
E a phantasia homerea ecôa !

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem-luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz!

III

Em teu viver embryonario,
Esboço ainda, vê-se impresso
O sentimento solidario,
Motor supremo do Progresso.
Amando a Patria, amou-te Roma;
O gladio fez-se-lhe um fanal:
Aqui — selvagem feroz doma,
Irmana alli — povo rival!

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem — luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz!

IV

Por um esforço ingente, ousado,
Uniste os deuses n'um só Deus:
O fim da vida transportado
Subiu, assim, da terra aos céus!
 Embora fragil fosse a base,
 Melhor firmaste a Lei fecunda;
 Mas não paraste nessa phase,
 E nova Fé nossa alma inunda!

  Avante, irmãos, avante!
  Resáe da Ordem — luz...
  A ti, Progresso ovante,
  Eterno Amor conduz!

V

Na evolução travez mil dores
Até o throno da verdade,
Perdidos viste mil labores
Da tua santa actividade!
 Um apoz outro sacrificio,
 Serena, impavida, dominas:
 Soberbo e solido edificio
 Se ostenta — abrigo — entre as ruinas!

  Avante, irmãos, avante!
  Resáe da Ordem — luz...
  A ti, Progresso ovante,
  Eterno Amor conduz!

VI

A rev'lução corre em delirio,
Ribomba e vae bramindo atroz!
Horriveis dias de martyrio
Soffrendo tu, soffremos nós!
O seio esteril do egoismo
Refugio grato inda seria,
Si já das bordas desse abysmo
Não nos salvasse o pleno dia.

Avante irmãos, avante!
Resáe da Ordem—luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno amor conduz!

VII

Estrada nova e sem escolhos
Abrindo á Zona occidental,
Tu desvendaste aos nossos olhos
As ancias tetricas do mal.
Tu, filiando á vida inteira,
Em vôo altivo e sublimado,
Curas'e a alma da cegueira
Demolidora do Passado!

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem—luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz!

VIII

Supremo Ser! Tua voz retumba
Festiva, immensa, peregrina!
Resurges—berço, onde eras tumba,
Encorporando alma divina!
Tu já no tempo e já no espaço
Unificaste as gerações.
Bemdito seja o teu regaço!
Perenne asylo aos corações!

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem—luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno amor conduz!

Dr. J. E. Teixeira de Sousa

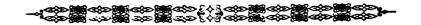
PRIMUS INTER PARES

Quando subiste áquelle ethereo assento,
Onde a vida é só luz, só harmonia,
Ao teu encontro voam á porfia
Os mestres co' o maior acatamento.

O cantor de Gofredo n'um momento
Da fronte arranca a laurea que fulgia,
O Ghibelino illustre balbucia
Phrases de enthusiasmo e de contento!

Extatico te fita o Mantuano,
E Milton, que cantou o Paraiso,
Pergunta si algum dia foste humano...

Então por toda aquella immensidade
Sôa de Homero o verbo claro e liso:
« Façam alas, que passa a Magestade! »

Joaquim Serra

A CAMÕES

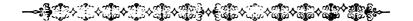
Inclyto rei dos Lusitanos vates
Levanta a lousa que te cobre o tumulo;
Da impavida justiça a voz escuta,
    Que de teu nome illustre
Hoje proclama a immorredoura gloria.
Oh! vem os cultos receber que os posteros,
De teu fecundo engenho ante a grandeza
    Curvados, reverentes,
Em honra tua, e do torrão ditoso
Que foi-te amado berço, hoje te rendem,
Terceiro centenario do teu triste,
    Funesto passamento.

....

Do destino cruel esquece os golpes,
Que tanto amarguraram-te a existencia;
De teus compatriotas a maldade
    Oh! para sempre esquece;

Embora guardes n'alma eternamente
Grata lembrança do teu Jáu querido,
Que o pão nas ruas mendigava á noite
Para matar-te a fome.
Da patria, que extremoso amaste tanto,
A vil ingratidão tambem esquece,
Com que, n'um hospital, ao abandono,
Deixou ceifar-te a morte.
Perdôa-lhe tão negra recompensa
A tanto amor provado nas batalhas,
A tão alto cantar do estro ingente
Na divina Epopéa,
Que aos feitos da soberba historia sua
Pomposo monumento consagrara,
Que os *vae da lei da morte libertando*,
Eternisando-os todos;
Que o poder da sciencia e da virtude
Em tão sublimes cantos celebrára,
Que ha de o porvir lhes bemdizer p'ra sempre
Os prosperos influxos;
Que versos dera a amor, de tal doçura,
Qu'inda igualar não póde humana lyra;
E que invejára a deusa dos amores,
Si por acaso ouvisse-os...
Perdôa; que o desprezo hoje chorando,
Que te votara criminosa em vida,
De cada um de seus filhos no imo d'alma
Um altar te alevanta;

E pelas glorias tuas orgulhosa,
A' gratidão te off'rece do seu povo,
A' justa admiração do mundo inteiro,
Que em ti, no teu Poema,
Hoje contemplam do Divino Verbo
Uma das creações mais portentosas
E do teu Portugal a luz perenne,
A c'rôa mais brilhante.

Franco Meirelles

CRYPTA E PANTHEON

« Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
« Grandes, hão de levar-te a ingente gloria :
« Camões, o sol, e o oceano ; que o primeiro
« Ergueu-te em alto canto a nobre historia.

(Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.)

Na crypta das nações, absorto, pensativo,
Entrei a procurar, não Portugal o vivo,
Que assentado ao festim, sensual, tumultuario,
Communga a idéa nova e o credo utilitario,
Mas Portugal o heróe de enormes dimensões
Que jaz amortalhado em suas tradições,
Tendo montante ao lado, ao peito a cruz do Christo.
« Onde, oh! batalhador... » clamava eu; mas n'isto,
A' torva meia luz do penetral sagrado,
Colosso a negrejar nas sombras do passado,
Um vulto divisei, padrão de era remota,
Com que o Mestre de Aviz sellou Aljubarrota,
Epinicio da fé—trophéo e moïmento,
Era a Batalha emfim.

De verdade sedento,
Vinguei o liminar... Pedi ao bronze um grito,
Ao marmore uma idéa, uma estrophe ao granito,
E aos écos sepulcraes da lobrega mansão
Os brados atirei de estranha evocação...

Mas o bronze era mudo, a pedra inexoravel,
E deixaram-me a sós na treva formidavel.

Então, entre os clarões d'uma longinqua aurora,
Como quando a manhã de roseo albor colora
Do horizonte os confins, senhoril e venusta
Uma visão surgiu.— Quem és ?— A historia, a justa...
— A justiça... talvez ! porém não és a gloria,
O threno do opprimido, o clangor da victoria...
Deusa austera e fatal ! teu sorriso é gelado
E teu pranto sem dôr... Tu guardas o passado
Como o herborista a flôr, perdendo-lhe a fragrancia...
Eia ! volta a archivar na funeral estancia
O teu codice mumia, herbario sem perfumes !

Disse, e a branca visão afundou-se em negrumes :
Assim brilha, assim foge em noite procellosa
Do erradio santelmo a flamma portentosa.

Mas subito uma voz altisona, canora,
Sublime resoou na abobada sonora.
O amor, ella o cantava em suaves accentos,
Com mascula energia os prelios truculentos,
Com divina expressão um tentame eternal ;
E ouvil-a era saber do velho Portugal.

Ao celeste cantor da lusa heroicidade
Extatico escutei : commigo a humanidade....

E depois, e depois— oh! prodigio do genio!
Muda-se a treva em luz, e a crypta em proscenio...
Sublime apotheose! — é o côro das nações:
Prolfaças PORTUGAL! ao Pantheon, CAMÕES!

Carlos de Laet

A PATRIA E O GENIO

Era um bizarro povo de gigantes,
Como alumbrado de epicos intentos,
Por infinitos barathros hiantes
Arremettido no pegão dos ventos.
Era um punhado homerico de Atlantes,
Que, a triumphar dos proprios elementos,
Buscavam mundos, revolvendo oceanos,
N'um labutar de feitos sobrehumanos.

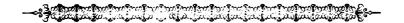
Vão bem longe nas cinzas do passado
Essas fecundas eras de civismo.
Quando o seio do ignoto era abordado
N'uns supremos elances de heroismo!
Vae bem longe esse tempo alevantado,
Em que, arrostando as coleras do abysmo,
Sobrepujava-lhe a fremente insania
Cada impulso viril da Lusitania.

Os grandes écos da famosa tuba,
Que de teu nome enchera todo o espaço,
Inda soam mais alto que os alarmas
Das tuas priscas, valorosas armas.
. . . .
. . . .
Salve, poeta! heróes da tua esphera
Trazem fogo do sol no craneo adusto.
Medir-te o egregio vulto quem pudera,
Si foi-te a patria um leito de Procusto?!
Esse clarão, que o genio teu fizera
Do seu alto esplendor no occaso augusto,
Amortalhou-a em purpuras eternas,
Que o olhar deslumbram das nações modernas.

E morderam-te os cães, varão grandioso!
E até grilhões pesaram-te na vida!
Ah! no tragico meio pavoroso
Dessa escura miseria tão renhida,
Como eras firme, insolito, pasmoso,
A rebater-lhe a vaga desabrida
E em não sei que relampagos de gloria
A illuminar as grimpas de uma historia.

Da desventura todos os caminhos
Percorreste no mundo, sempre ousado.
O amor — tua alma coroou de espinhos.
Bravo — deixou-te a guerra assignalado.
Naufrago — em luta com os dragões marinhos,
Foi peito a peito que mediste o fado.
Nem pouparam-te os ultimos instantes
Da propria fome as garras cruciantes.

Novo martyr erguido na peanha,
Como á espera do poste e do assassino,
Si da desgraça a rigida campanha
Não pudeste vencer tambem divino,
Chegaste ungido ao topo da montanha
Que formaram-te as sombras do destino,
Ao duro açoite de paixões mais sevas
Que ondas, raios, tufões, penhas e trevas!

Castro Rebello Junior

SYNTHESE

Era o mundo achatado, firme, enorme,
Cuja abobada azul circumscrevia
Por terra e mar em fóra: tardo, informe,
Saíu das mãos de Deus assim um dia.

Emquanto no silencio edeneo dorme
O filho do Senhor, trama e vigia
O principio do mal — Satan disforme —
Antigo vingador da tyrannia!

Dá aos homens saber — tremula fagulha —,
Ensina a Gallileu que o globo róda
E a Luthero que a Biblia tem senões...

Os Cruzados fornecem Calculo e Agulha.
As Descobertas longes 'stão em moda,
E para as descantar surge Camões.

José Leão

CAMÕES

EPISODIO DA EPOPÉA — *Brazil*—

Narração de Nicoláo Coelho, companheiro de Vasco da Gama, que acompanhou Pedro Alvares Cabral no descobrimento do Brazil.

. . . .
. . . .

E o genio, embocando a tuba altiva,
Ao mundo mostrará valor tamanho,
Fazendo que o seu nome eterno viva,
No porvir mais remoto e mais estranho,
Legando ás gerações da lusa lingua
Uma épopéa, e emfim — morrendo á mingua !

Ah ! só não lhe será contraria a gloria,
E a lyra tambem — famosa herança !
Que o gozo desta vida transitoria
Nunca lhe passará de uma esperança,

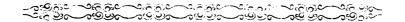
Pois em troco da posthuma memoria
Soffrerá toda a sorte de esquivança,
E para maior mal e maior damno
Ser-lhe-á o amor acerbo engano!

Irá de novo, os mares affrontando,
Levar á patria a homerica epopéa,
Que, do naufragio infausto triumphando,
Cantará de João a grande idéa;
E pela doce amante suspirando,
Qual adorada pudibunda déa,
Rival da patria por quem sempre pensa,
Esperará devida recompensa.

Mas a patria, mettida na rudeza
Do gozo, ha de mostrar-se indifferente
Ao pregão, que na immensa redondeza
Será ouvido até de estranha gente;
E a terna amante — encanto de belleza,
O golpe soffrerá impio e inclemente
Da saudade cruel, amarga, dura,
Que a despenhe no horror da sepultura.

Depois de haver cantado a patria tanto,
A lingua engrandecendo, e a eternisando,
Ha de um pão esmolar cheio de pranto,
Por elle o triste escravo mendigando;
O mundo pasmará de ouvir seu canto,
A dura ingratidão apregoando,
E, ao delatar a lusitana gloria,
Tornará nossa incuria assaz notoria.

E um dia, em que o canhão de instante em instante
Lamente a morte do real guerreiro,
E que a patria infeliz agonisante
Dobre a cerviz ao jugo do estrangeiro,
Ah! vel-o-hão enfermos, delirante
Soltar o seu suspiro derradeiro;
E exhaurido de dor e de desprezo
Morrer no hospital em pobre leito!...

J. Norberto de Souza e Silva

A CAMÕES

A luz da gloria espanca a noite do passado.
Olhae, e vêde alem—um vulto colossal,
Dantesco semi-deus de nuvens coroado,
Erguido sobre o orbe em vasto pedestal.

Nas mãos tem um poema—um livro que resume
A historia varonil d'um povo de valentes,
E coroando a fronte ao gigantesco nume
Diadema eternal de laureas viridentes.

Vós bem sabeis-lhe o nome,
Vós bem o conheceis....
Sublime como o sol, grande como as nações
Que o saudam agora! O tempo o não consome!
A fronte descubri....Curvae-vos! E' Camões!

J. Dias da Rocha

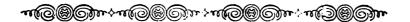
O sol, rasgando a téla ao casto firmamento,
Assoma victorioso, esplendido, a sorrir
Na limpida effusão do seu deslumbramento.
A Natureza, a mãe dulcissima, quiz vir
Da festa de Camões neste immortal momento
Os canticos, a luz, as bençãos espargir!
E á gorificação do eterno genio ousado
Corre inteiro o Universo alegre e deslumbrado!

II

Do seio bom da Historia — esse implacavel céu —
Como do morto Olympo o deus Jupitelino —
Camões, mixto de deus e aguia — Prometheu
Que animou Portugal, ao fogo peregrino
Que no sombrio abysmo o Incognito escondeu;
— Bronzeo craneo de sol, rigido e crystallino —
Vê quebrar-se-lhe aos pés o mar das ovações,
Bradando n'um delirio esplendido: — Camões!

Tresentos annos ha que á fome succumbido
Apagou-se na sombra o honrado lutador......
O' heróe, que poupára o oceano enfurecido
E a calumnia abateu e abandonou o amor!
O' poeta immortal, vidente esclarecido,
Morto ás garras de um tempo estupido e traidor!
— O que importa a culumnia, o desespero, o pranto?..
Foste um genio infeliz, és hoje um grande santo!..

Deus faz almas de treva e faz almas de sóes.
Milton, Byron, Rouget de L'Isle, Homero, Dante,
Hugo, Catão, Jesus, — os genios e os heróes —
Retomam no infinito azul e coruscante
O seu logar astral, de planetas, depois
Que gravaram no mundo a senda fecundante!...
Dentre o eterno fulgor dessas constellações
Dos seculos atravez, has de brilhar, Camões!

Valentim Magalhães

CAMÕES E PORTUGAL

Calcando as sombras do feral jazigo,
Portugal resurgiu vingando a afronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos do Camões no eterno brado.

(SOARES DE PASSOS)

Eil-o a attestar no bronze os brios de tres seculos!
Eil-o da lusa gloria o immorredouro bardo!
Quão nobre, Portugal, o premio, embora tardo,
A quem celebrisou-te as armas e os barões!
A estatua colossal do teu cantor altiloquo
Da epopéa do mar, de Adamastor, do Gama,
Hoje aos evos se impõe, erguida pela fama,
Que diz á terra e ao céu: — Camões! Camões! Camões!

Si o sol desponta, a estatua amostra-lhe os *Lusiadas*,
Symbolos do valor dos feitos transtaganos.
— E' elle! — diz a Europa: — a luz dos Lusitanos!
E o éco repercute até sumir-se o sol.

Rei no poema, rei nos sacrificios bellicos,
Rei na firmeza d'alma escrava de Nathercia,
Por quem jamais teu estro emmudeceu de inercia,
Por quem de pranto encheste a gruta de Macáu,
Camões, que a sós provaste as furias d'Asia e d'Africa,
Hoje na gratidão, que te recorda, inspiras
De Leal e Ribeiro (*) as opulentas lyras,
Como inspiraste outr'ora em condolencia o Jáu.

Orador que enlevaste o povo em lingua magica,
Cysne, que de *saudade* embeveceste o Sena,
Que do theatro luso o sceptro tens na penna,
Que entregaste ao porvir injurias a Camões;
Volve exemplar Garrett, e em vez do justo anathema,
Que aos compatricios teus lançaste da aurea tuba,
Prolfaças mil teu verso agradecido suba
Pelos degráus da estatua ás novas gerações!

Sobreviva Camões aos evos. Quando o postero
No passado não creia em Passos e Castilho; (**)
Inda que o zoilo audaz, da inveja cégo filho,
Intente derrubar do genio o pedestal;
A estatua, sobranceira a ingratos, imperterrita,
Sirva de exemplo aos réus do olvido — o atroz delicto.
Nem quando a estatua tombe, ao sopro do Infinito,
Com ella hão de morrer Camões e Portugal.

(*) Mendes Leal e Thomaz Ribeiro, os dois grandes poetas vivos de Portugal.

(**) Soares de Passos e Antonio Feliciano de Castilho, inexcediveis apologistas de Camões.

Emquanto o sol mostrar-se á America, os *Lusiadas*
Hão de mostrar-lhe o ardor dos feitos transtaganos;
Ha de em Camões brilhar a luz dos Lusitanos
Dentre os espessos véus de heroicas tradições.
Só quando, exhausta a Europa em sociaes catastrophes,
Do oceano do tempo alfim caír no fundo,
Para que no Brazil reviva o velho mundo,
Guarde-se Portugal nos versos de Camões.

Rozendo Moniz Barretto

A CAMÕES

O que elle amou? O mar, a patria, a gloria:
As expansões da vida e do futuro!
Dentro do peito o coração lhe arfava
Aos toques desse amor suave e puro.

O mar lhe deu a vastidão enorme
Em que na mente o Adamastor formou-se;
A patria o retinir de acções heroicas,
Em que seu verso bronzeo emmoldurou-se.

A gloria lá no céu das utopias
Gravou-lhe o nome fulgido, offuscante,
Como um aviso ao caminhar dos homens
Em busca do porvir incerto, errante...

Com as azas traçara a vasta curva
Que o povo seu ousado inda descreve;
Por isso ainda agora a alma da patria
Com *seu nome* no mundo é que se inscreve.

Sylvio Roméro

A CAMÕES

Tres seculos lá se vão, e a Lusitania,
Patria do grande genio, que cantou-lhe
As glorias immortaes, ergue-se agora.
Levanta-se o passado, abre-se o livro
De paginas brilhantes e gravadas
De nomes que assombraram as remotas
Africanas regiões, e as rudes plagas,
De asiaticos reis vastos dominios.
....
Abrem-se os tumulos de Albuquerque e Castro,
De guerreiros possantes que trocaram
O sangue e a vida pela fama eterna
Do nome portuguez!
Todos se erguem, e depois curvados
Rendem seus preitos ao cantor de Lysia.
....
Camões! eis o que dizem reverentes
Os povos de alem-mar; verbo sublime
Que nas terras d'America se escuta
E co'ardor se repete.

Camões! nome que encerra os grandes feitos,
Os feitos gloriosos da mãe patria,
Da patria que foi mãe por ser seu berço,
Da terra que depois lhe foi madrasta.

....

Tornar immorredoura a fama e a gloria
Do seu paiz natal; pintar os feitos
Dos heroicos patricios com taes cores,
Que em cada guerreiro vê-se um Marte
E em cada pelejar uma epopéa,
Só Camões o faria, o patriota,
P'ra quem seria pouco uma corôa,
O sceptro de um Bragança!

....

Em classica linguagem, sempre amena,
Por mares nunca d'antes navegados
Grossas náus conduzir, dobrar o cabo
Das tormentas chamado, e a reis potentes
Tributarios fazer, como fizeram
Valentes portuguezes, tornar vivos
Mil quadros estupendos, gloriosos,
Que o nome lusitano eternisaram,
Só Camões o faria, o litterato,
Caro irmão da sciencia.

....

N'um poema divino, em doces rimas
Bellezas diffundir, gratas imagens,
Dilectas filhas de celeste engenho,
Sublime inspiração de um raro genio;

Dar ao mundo os Lusiadas, só elle,
Só Luiz de Camões, rei da poesia,
De Deus o inspirado.

....

Patriota e litterato,
Entre os poetas o rei,
Curvou-se ao duro principio
Que aos genios serve de lei:
— Morrer pobre, abandonado,
Sem ter amigos, nem pão,
Quem houvera eternisado
Seu paiz, sua nação.

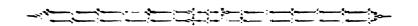
....

Depois de tresentos annos
Vão seus feitos reviver!
Quaes os vultos do cortejo
Que as honras tem de fazer?
Quem dirá: eis os seus louros,
Eu na pugna os vi ganhar,
Conheço-os, foram thesouros
Grandes, infindos, sem par!

Qebrem-se as lousas tisnadas
Dos vencedores de Diu;
Potente sombra do Gama,
Onde está que não surgiu?
Descubram-se as sepulturas
Desses lusos sem temor,
Sáiam das campas escuras
Os bravos de Kananor.

Os valentes de Mombaça
Vejam-se todos aqui:
Portugal dos aureos tempos
As vossas galas vesti;
O marco que hoje se planta
Tem de p'ra sempre viver,
Nem a borrasca o desplanta,
Nem o tempo o faz morrer.

E' marco profundo, immenso,
Que a gratidão assim quiz,
E' o reparo do passado
N'um presente mais feliz.
Extirpe dos Viriatos,
Erguei-o, p'ra que as nações
Exclamem nos tempos gratos:
— Eis o symbolo de Camões! —

J. M. Alves Cavalcanti

O preconceito vão reinava ovante!...
Junto ao rei mais valia o effeminado
Que a raça dos guerreiros do Salado,
Aljubarrota ou Diu.
A intriga era a sciencia mais bemquista.
Ah! por isso serviam no estrangeiro
Os Fernão Magalhães, os Ruy Falleiro,
E Sagres decaíu.

O sol de Ourique estava escurecido
Pelas ondas de fumo das fogueiras,
Mantidas com judeus e feiticeiras,
Em honra de um judeu;
Os hymnos de Azamor, Arzilla e Alcacer
Mais ninguem repetia. Em toda a parte
Se ouvia o psalmodear fanho e sem arte,
Quando elle appareceu.

Vinha o golpe lethal. Pobre princeza
Por mil superstições atrophiada
Foi do infausto reino encarregada
Por morte desse rei.
Lusitania, a vetusta, definhava,
O sudario d'el-rei quasi a envolvia,
A regia campa as fauces entreabria
Bradando-lhe :— Descei.

E a Civilização disse :— Inda é cedo.
Destino-te um logar, 'stás em meus planos,
Nos porvindouros povos soberanos
Sem papas, sem sultões.

Será lenta a mudança — em povos servos —
Muito embora far-se-ha. Ceda o egoismo
O logar ao viril patriotismo...
Levanta-te, Camões!...

E Camões obedece á voz do Archanjo,
Quer a patria salvar pelas espadas,
Crendo o sangue e cabeças decepadas
Ser meio salutar.
E parte a conquistar Africa e Asia.
Em Ceuta um olho perde, é mutilado,
Em Cambodja naufraga, e desgraçado
Mendiga pão e lar.

E a Patria sem vigor Camões carpia:
« Pois has de fenecer, ó minha gloria?!
Deus de Ourique, salvae sua memoria,
Salvae meu Portugal!...
Então sopro divino lhe segreda:
« Lyra eterna entregou-te amor. Teus cantos
Sagraram de Natercia as graças e encantos:
Tornaram-n'a immortal!...

« A Lysia é sem cantor!... Ainda hesitas?
Porque não a defendes quando excitão-n'a
O rei e o cortezão, e os frades matão-n'a?...
Eia, surge, Camões!... »
Foi essa mesma vez que teu accesso
Entre os vultos dos bardos que affirmaram
A Gallia, a quem os tempos transformaram
Em nação das nações.

E o vate, pelo arnez tomando a chlamyde,
E, em vez do gladio, a harpa que encordôa,
Volta-se ao porvir e um hymno entôa
Ao *patrio ninho seu;*
E tão sublime foi, que os seus accordes,
Retumbando dos valles ás cumiadas,
Alma nova insuflaram!... Nos LUSIADAS
Portugal renasceu.

Rangel de S. Paio

IGNEZ DE CASTRO

EPISODIO DOS LUSIADAS

CANTO III

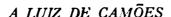
. . . .

Agnes interea, blandè labentibus annis,
Deliciis data, quas reddit fortuna fugaces,
Pulchra quiescebat Mondæ mœrentibus arvis,
Roratæ lacrymis, cœlatum pectore nomen
Et flores, montesque docens resonare. Vicissim
Formosæ Princeps Agnis reminiscitur absens,
Ante oculos defixa semper imagine vultûs;
Quæque videt, mendacia quæque insomnia fingunt,
Lætitiæ vestigia demum: spernit et ipse
Regales thalamos, captum si namque lepore
Pectus, amor, teneas, tibi jam nec cætera curæ.
Ast genitor spernentem vincla jugalia natum
Dum cernitque senex, voces populique veretur,
Pectoris ardentem censens restinguere flammam
Sanguine, et ut vinclis natum disjungat amoris,
Agnem constituit sævæ demittere morti.

Quis furor infensum Mauris in colla reclusit
Virginis ensem? Hanc carnifices jamjamque trahebant
Placatum ad regem; regi sed dira suadet
Turba necem. Illa dolens, quod morte dolentius ipsà,
E natis ac Principe tempus in omne revelli,
Ad cœlum tendens lacrymantia lumina purum,
Lumina, nam palmis intendit vincula tortor,
Respiciens pueros, heu! mox qui matre carebunt,
Supplex promit avo: « Ingenio si dira suopte
Sunt quondam pueris animalia parcere visa,
Infantesque piè volucres mulcere rapaces,
(Fama velut matremque Nini, fratesque gemellos
Indicat;) humano qui vultu animoque videris,
Unquam si licuit, nam solum indulsit amori,
Infirmam obtruncare puellam; hos respice saltem,
Rex, pueros; horum atque mei pietate movetor,
Te quoniam, quæ nulla fuit, nec culpa remulcet.
Virtutem si Mauram igni ferroque domasti,
Clemens, quæ non deliquit, nunc eripe letho:
Sin aliter mereo, Scythiæ Libyæve calentis
Extorrem in fines miseram me mitte perennè:
Barbaricas gentes, tigrides interque leones
Me pone; hic hominum si, quæ mihi nulla reperta,
Inveniam duro pietatem corde ferarum;
Atque libens illic, cernis quæ pignora tollam,
Relliquias ejus, tristisque levamina matris.»
Parcere flexanimo victus sermone volebat
Rex; fatum verò, populusque tenaciter obstant;
Virginis in pectus, facinus qui tale celebrant,
Distringunt enses: animis tantæne virorum
Sunt iræ? Haud secus ac formosa Polyxena manes

Placat Achilleos, matris solamen, et ense
Occumbit duro Pyrrhi; quæ, mitis ut agna,
Insanæ fixis matri, quibus aera sedat,
Luminibus, mactanda solemnes fertur ad aras;
Sic transfigentes alabastrina colla puellæ
Carnifices, procus ingenti quam captus amore
Reginam fieri, quamvis post funera, jussit,
Immites, Agnis puro madidisque cruore
Ensibus, et fletu quos floribus illa rigabat,
Sœvibant rabidi, pœnæ immemoresque futuræ.
Tunc retro radios avertere, Phœbe, liceret
Horum e conspectu; veluti mandenda Thyesti
Dirus cùm geniti apposuit prœcordia frater.
Virginis, heu! capientes ultima, nomine Petri
Auditæ valles iterumque iterumque sonare!!...
Candida ceu marcet bellis, quæ perdit odorem,
Virgineam intempestivè si carpta corollam
Lascivæ manibus compsit tractata puellæ;
Pallida sic jacet Agnes, nilque in imagine vivum,
Vanescit color, atque rosæ de fronte recedunt.
Tristia fleverunt Mondæ Agnis funera nymphæ,
Fusus et in fontem fletus mutatur amœnum;
Hic quondam « Agnis amorum » sic hucusque vocatur,
Qui teneros gelidus flores non irrigat undis,
Sed lacrimas fundit, nomenque asservat amorum.
. . . .

Dr. A. de Castro Lopes

A LUIZ DE CAMÕES

Emquanto ao fogo intenso, em que teu peito ardia,
Do teu grande padrão fundias o metal:
Emquanto o eterno mólde a tua phantasia
Riscava do poema enorme, colossal...

Emquanto o monumento acabado saía,
Sellado por teu genio olympico, immortal:
Emquanto a eternidade a tua obra envolvia,
E punhas ante Homero o seu maior rival....

Emquanto se ebriava a terra ao ler teus versos,
E vinham do horizonte ouvir povos diversos
A epopéa do mar e da navegação...

Oh! Luiz de Camões, oh! grande sombra morta,
Nas ruas de Lisboa um Jáu de porta em porta,
Sem que seu amo o saiba, anda a esmolar-lhe o pão.

L. Delfino

VIR

Para servir, tiveste o braço ás armas feito,
Para cantar, a mente augusta ás musas dada,
E preparaste assim o mais sumptuoso leito,
Em que dorme inda hoje a tua patria amada.

A's armas do inimigo abriste o largo peito,
Onde gemia um' alma immensa e angustiada.
Achilles foste e Homero, e em cada qual perfeito,
Unindo a lyra enorme á tua enorme espada.

Maior, que os capitães, que eternisou teu canto,
Maior que os reis, maior que o seculo, em que déste
Um novo Homero ao mundo, o que ganhaste entanto?

A dor de Prometheu. — Em sóes te desfizeste:
E deram-te a nudez, o exilio, a fome, o pranto:
E nem na propria morte em paz um chão tiveste!

L. Delfino

O NÃO DA HISTORIA

Tu foste só. — Teu genio estava solitario.
Junto ao teu coração não pulsou outro igual:
E o teu grande infortunio e o teu destino vario
Foram nuvens em torno a um astro colossal.

Oh! Luiz de Camões, tu'alma era o sacrario
Da mulher, a quem déste um diadema immortal:
Foi para o amor da patria um férvido estuario
Teu coração.— O amor foi teu genio e o teu mal.

Do teu largo idéal ardeste á propria chamma,
Prendeste ao sol — da patria e da mulher a fama, —
Que elle tem de levar á extrema geração.

Caíste abandonado após, na luta ingente,
A' enorme ingratidão, ó bom immensamente,
Perdão, dizendo tu; — dizendo a historia: — Não.

L. Delfino

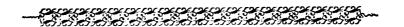
HOMENAGEM A CAMÕES

Tres Seculos estão prostrados em dois mundos
Ante a Sombra do herõe do Pensamento humano,
Que o cortinado abriu do leito do Oceano,
Sob a cúpola azul dos vastos Céus profundos,

Mostrando á Humanidade os nautas portentosos
Que desfraldaram, rindo, aos ventos das procellas
Do navio do Gama as petulantes vélas,
Que deixaram na historia uns sulcos luminosos!...

O nome de Camões resume toda a Historia
Do velho Portugal,— que salda finalmente
Uma divida de honra á face do Presente,
Que o passado exigia ao seu Porvir de gloria!

Não sei qual é maior, si em Seculo obscuro
O Genio que illumina um Mundo na Epopéa,
Ou si o Mundo que dá, no Seculo da Idéa,
O Genio do Passado ás benções do Futuro!...

Mucio Teixeira

A LUIZ DE CAMÕES

Flores das selvas, montes e campinas,
Orvalhadas de perolas brilhantes,
Aromas derramae, sêde fragrantes
Em espiraes de nuvens peregrinas!

Borboletas azues, alvas, divinas,
Volitando nos ares inconstantes,—
Parae, fechando as azas por instantes
Aos raios das estrellas matutinas.

Passarinhos do bosque florescente
Um hymno desprendei, levae-o agora,
Em honra de Camões, á lusa gente!

Quedae-vos, ao romper de nivea aurora,
O' vagas deste novo continente,
No festival que o mundo commemora!

Octaviano Hudson

Á MEMORIA DE CAMÕES

I

Das lusas glorias arca indestructivel,
Ao diluvio dos seculos fluctua
O nome de Camões.

Reinos e imperios
Baquearão no vortice do olvido!
Os oceanos mudarão de aspecto,
De aspecto mudarão os continentes;
Mas, emquanto existir a humanidade,
Do lusitano vate o nome egregio,
Ao crysol das idades depurado,
Ha de existir tambem!

Oh! Tejo, exulta!
Exulta, Portugal! Indicos mares,
Chineza gruta, Cabo Tormentorio,
Todos vos exultae! Da vida o termo.

Verbo immortal, cujo contacto augusto
Da morte as leis desfaz, qual do Propheta
A nativa aridez de alpestres rochas
A milagrosa vara no deserto
Soía desfazer; verbo fecundo,
Tocando em vós, da morte libertou-vos!

A' luz material os terremotos,
Os conflagrados elementos sumam-vos;
Unam, no mesmo fim de aniquilar-vos,
Natura e tempo os masculos esforços;
Vós sempre vivereis! Aquelle verbo,
Uma vez vossos nomes proferindo,
Participes vos fez da gloria propria,
E as voragens dos seculos transpondo,
E os promontorios do porvir dobrando,
Em si ás plagas do immortal vos leva!

E vós tambem, varões assignalados,
Dias e Gamas, Castros e Albuquerques;
E vós, oh! grandes reis, que o luso imperio
Dilatastes co'a fé, d'Africa e d'Asia
As viciosas terras devastando;
Exultae todos vós! Os vossos nomes,
Como os rios ao mar, prendem-se inteiros
Ao nome de Camões — centro de vida!

Exultae todos vós! Emquanto augusto
Vagar jorrando luz o sol no espaço,
Hão de com elle todos os planetas,

De Hestia mesquinha ao formidavel Jupiter,
Do igneo Mercurio ao frigido Neptuno,
Nos meandros sem fim, transpor illesos
Da immensidade os horridos abysmos.

Desse fulgido sol sois os planetas,
E ao seu influxo — incolumes, do tempo
Ireis vencendo os temerosos paramos,
Té se escoar o seculo postreiro
No oceano sem fim da Eternidade!

II

Patria de heroes, que magua te contrista?
Qual outra gloria, Portugal, invejas?

Não mais, é certo, os galeões possantes,
O Tejo, ás auras desfraldando as Quinas,
Descerem vês a perlustrar os mares
E aos rumos varios por ignotas plagas
E a novas gentes, dilatando o imperio,
Levar terror e fama do teu nome!

Não mais, é certo, vês, triumphadores
Das remotas conquistas, regressarem
Teus exercitos, ricos dos despojos
De estranhos povos, de inimigos fortes.

Não mais, é certo, sim; porém que importa
Si esplendida a visão do teu passado
De immarcessiveis louros revestida,
Do teu vate immortal ao plectro ingente.

Devido preito ás gerações impondo,
Sobre o mar, sobre a terra, ao mundo mostra
Soberbo tremulando aos quatro ventos
Das santas Quinas o pendão ovante ?

Quem, como tu, da Redempção á sombra,
Da fé do Christo evangelista novo,
Tão alta a Cruz ergueu — a propria gloria,
Na maior gloria da Divina Victima
Fazendo consistir, bem merecera
Signalada mercê da Omnipotencia.

O Verbo Eterno, Creador dos seres,
Do Excelso Padre á soberana dextra,
Não deve, diz, o nome deste povo
Da memoria dos homens apagar-se.

Exemplo ás gerações, illesa aos seculos,
Como a Biblia perdure a lusa historia.
Voz immortal, que os tempos acompanhe,
De quem a Cruz com tanto amor defende
Ao mundo pasmo os altos feitos cante.

Qual remido peccado a humanidade,
Quero este povo redimir do olvido.
Genio — mais acabada imagem Nossa
Do que o commum dos descendentes de Eva,
Por Nós da nova redempção se incumba.

Logo, maravilhoso, immenso Fiat
Pelos confins dos mundos retumbando,
O genio de Camões é dado a Lysia.

III

Quem, sem a Cruz, a Redempção concebe ?
Luz, idéal, modelo sempiterno
De todo o homem, vindo ao mundo o Christo,
A mesma Eterna Divindade sendo,
Mostrou que só da maxima humildade
Pode, na decaída raça humana,
Provir maxima gloria.
Redivivo,
Camões, no tempo imitação brilhante
De Jesus resurgido eternamente,
Na escura vida em morte escura extincta,
Tragando o fel de acerbos infortunios
Sua cruz arrastou ao seu calvario !

Peregrino dos mares e das terras,
Do Tejo ao Senegal, ao Gange, ao Indus,
Do Bojador ao Camorim, lhe ouviram
Equoreas amplidões, serras e valles,
Noutes e dias, ermos e cidades,
Irmãos e estranhos os queixumes crebros.

Aquelle Adamastor mesto e sanhudo,
Teterrimo e feroz, que das tormentas
Simula o pavoroso Promontorio,
Quem sabe si a visão das proprias dores,
Si o phantasma dos intimos pezares,

Não foi quem lh'o inspirou ?...
Da natureza
As afflicções extremas tendo á vista,
Das suas afflicções ao prisma horrendo,
Talvez por estas modelando aquellas,
Désse em assombro aos porvindouros seculos
Essa chimera esqualida e sublime,
Que, enlevando a razão — cólera e medo,
Enfado e compaixão ao peito inspira!

IV

Genio celeste, genio da harmonia,
De cuja tuba altisona e canora
Repercutem os écos das idades
Os retumbantes sons! potente genio,
Cantor condigno dos ethereos córos,
Como puderam surdos aos teus carmes,
Qual de Jesus á voz o ingrato povo,
Te ver passar os teus ?...
Acaso áquelles,
Como ao Pólo infeliz a vista augusta
E' vedada do sol, não fôra dado
Teus cantos entender ?...

Lúcida estrella
Em perenne zenith alevantada,
Só tiveste um occaso — o nascimento!
Só tiveste uma noute — a vida triste!
Só tiveste uma aurora — a sepultura!

Mas que aurora feliz! Qual da existencia
Triste do cáos — banhada em resplandores
Vida, luz e calor espadanando —
Surgiu a Creação pejando o espaço;
Assim da tua miseranda vida
Surgiu pejando a duração dos seculos
A gloria do teu nome!

Oh! bella aurora!
O sol — emquanto um hemispherio doura
A opposta face dos planetas deixa
Jazer na escuridão, e um novo occaso
Segue cada manhã.
Tu, entretanto,
Em teu brilho envolvendo a humanidade,
A's gerações attonitas te exhibes
Sem declinar jamais no espaço immenso
Que vae do teu ao tumulo dos mundos!

Julio Cezar

A CAMÕES

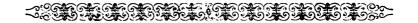
Cesse tudo o que a musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

O que direi dos feitos sublimados
Do lusitano assombro da epopéa,
Que eternisou na indica Odysséa
« As armas e os barões assinalados » ?

Poeta — rei de versos afamados,
Phidias da phrase, principe da idéa;
Heróe levando as quinas de Ulysséa
« Por mares nunca d'antes navegados ».

Cantor que as tempestades adormece;
E ouvindo o Camões falar do Gama,
O proprio Adamastor inda estremece.

Inez, a triste Inez, seu vate o acclama;
Por elle a desditosa a magua esquece,
Só ella basta a eternisar-lhe a fama.

J. M. Velho da Silva

A CAMÕES

Bem arduo empenho tomo sobre os hombros !..
    Posso eu cantar a gloria
Do vate, que causou ao mundo assombros
    Celebrando a memoria
Dos feitos de um horoico e nobre povo ?...
Eu, bardo obscuro deste mundo novo ? !...

Devo eu, do seio destas tristes brenhas
    Soltar nota perdida,
Que irá por certo em vibrações rouquenhas
    Perder-se esvaecida
Na orchestra universal, que hoje proclama
Do lusitano bardo o nome e a fama ?..

Da gloria de seus feitos, de seus hymnos,
    Dos tristes devaneios
De seu amor, seus asperos destinos
    Tres seculos vão cheios.
Tres seculos ha que surge essa figura,
De anno em anno mais brilhante e pura.

Porém que importa?... A timida homenagem
De meu fervente culto
Nada amesquinha á gigantesca imagem
Do nobre, heroico vulto;
Tosca pedra que encósto ao pedestal
De uma estatua soberba e colossal.

Quando da aurora no horizonte assoma
Do sol o disco ardente,
A verde selva meneando a coma,
O zephyro fremente,
O arroio, a fonte alegres rumorejam,
E o céu e a terra e as aguas o cortejam.

Ante o foco da luz e da belleza,
Em extase suspenso
O mundo inteiro canta; — a natureza
Desprende um hymno immenso
De multiforme, esplendida harmonia,
Em que exalta e saúda o rei do dia.

Mas no meio da orchestra retumbante,
Que entoa a creação,
Ouve-se lá na encosta verdejante
A timida canção,
Que entre moitas de murta e rosmaninho
Gorgeia a medo ignoto passarinho.

Assim do genio ante o fulgor sagrado
Se expande a mente humana;
E, si entoar poemas não lhe é dado
Em sonoroso hosanna,

Sagra-lhe ao menos do intimo do peito
Em verso humilde respeitoso preito.

Perdôa, pois, ó sombra venerada
Do bardo lusitano,
Perdôa, si co'a mente arrebatada
Por um arrojo insano
No monumento teu depôr eu venho
Pallida flor de meu escasso engenho.

Triplice louro te circumda a frente
Magestosa e sublime;
Poesia, amor, patriotismo ardente
Eis o que elle exprime.
São tres fanaes, em que tu te inspiraste,
Na epopéa, que aos seculos legaste.

Oh! que vasto horizonte de harmonias
Já ledas e risonhas,
Já tristes, já terriveis e sombrias,
Já rudes e medonhas,
Abres nesse immortal, divo poema,
Que ha de tocar do tempo á meta extrema!...

Ahi do luso nauta está gravada
A imagem sobranceira
Em pedestal eterno sublimada;
Ahi resplende inteira
A gloria de uma altiva geração;
De um povo heroico ahi bate o coração.

Quão tristemente Ignez ahi suspira
Seu lastimoso amor!...
Que terriveis vinganças não respira
O torvo Adamastor,
Ao nauta afouto annunciando os duros,
Crueis desastres, que contou futuros.

Do oceano immenso aos bravos domadores
Teces formosa c'roa,
E a despeito da inveja e seus furores
Teu nome inda hoje soa,
Nobre pregão do ninho teu paterno;
E é este o premio teu, sublime, eterno.

E é esse só; cruel sorte te aguarda
Nos teus extremos dias;
A indifferença, a inveja lá te esguarda
Com suas garras frias;
E o mais alto cantor da altiva Iberia
Morre á mingua no leito da miseria.

Dos soffrimentos teus a triste historia,
Teus asperos labores,
Tanto infortunio junto a tanta gloria,
Teus tragicos amores,
Diga-os a India e a gruta de Macáu,
Diga Lisbôa, diga o fiel Jáu.

Desdobremos, porém, sobre taes scenas
Do olvido o espesso véo,
Esqueçam-se hoje cousas tão pequenas,
Esqueça-se o labéo

Dessa mesquinha geração ingrata,
Que um tão nobre filho assim maltrata.

Mas basta !... eis já cumprido o santo voto !...
Ó immortal Camões,
Aceita os hymnos do cantor ignoto ;
São fracas oblações
De quem arrasta miseros andrajos
Aos pés de quem vestiu sublimes trajos.

E que importa ao fulgor de tua gloria
A pallida lucerna,
Que apenas bruxolêa merencoria
Em lobrega caverna ? !...
Apague-se uma vez ; quebre-se a lyra,
Que a celebrar teu nome em vão aspira.

Bernardo Guimarães

CAMÕES

Camões recorda o mar. Esse assombroso,
Rude gigante horrendo de furores,
Que assobia, que brama e vae de horrores
Atirar-se nas praias procelloso;

Essa criança, a um tempo, que os rumores
Vae concertando de um chorar piedoso,
E' elle — Adamastor tempestuoso,
Logo mais — Ilha verde dos Amores.

Na su'alma a borrasca se harmonisa
D'aurea bonança com o festivo encanto,
E a face agora é rude, agora é lisa;

Rompe a guerra depois em torvo canto...
Mas logo finda a luta, e amor divisa
Ignez, a pobre Ignez lavada em pranto.

Alberto d'Oliveira

A ESPADA E A PENNA

Sua espada saíu da mesma incúde
Em que se temperaram as espadas
Dos bravos capitães que Africa rude
E a India, depois, viram pasmadas.
Relampeou tremenda
Sobre as frontes dos mouros,
Atravez da contenda;
Enramou-se de louros,
Cada qual mais virente,
Ness'outra região, de clara fama,
Lá, entre as maravilhas do Oriente,
Berço, fóco de luz de immensas raças,
E cujo interior, feliz, devassas
Tu, ó Vasco da Gama!

Sua penna escreveu cantos de amores,
Cantos ardentes da paixão mais pura,
Como os dos trovadores,
Cujo sangue nas veias lhe corria:
Escreveu a tristissima elegia
Da sua desventura,
Que o perseguiu com incessante affêrro,
Desde que entrou no mundo,—
Mais de uma vez no carcere profundo,
Mais de uma vez no misero desterro;
Sobre o abysmo do pego,
Que em vão tentou roubar-lhe a vida e a gloria,
Tão feroz e tão cego;
Té que, abandonado como a escoria
Dos homens, se agazalha
No hospital, onde a vida desampara,
Depois de receber esmola avara,
Sendo a esmola final.... sua mortalha.

Sua penna, pincel humedecido
Na variada tinta
De magica palheta,
Dá vivaz colorido
A tudo quanto pinta:
Fielmente interpreta,
Com fôrça e movimento,
Cambiantes feições do gesto humano,
Na branda paz ou no furor da guerra;
O dia, a tarde, a noite, o firmamento,
Os campos, o oceano,
E as visões gentis que alma lhe encerra.

Sua penna, caída
Talvez d'aza do anjo tutelar
Da patria bem amada,
A' patria consagrou durante a vida;
E, com ella subindo á cumiada
Aonde chegam só genios eleitos,
Insculpiu-lhe o mirifico exemplar
Das bellas tradições e illustres feitos.

Seculos tres demudam
A terra; eis tempos novos!
Os actuaes Lusiadas saudam,
— Co'o povo do Brazil e os outros povos
Que o progresso acarreta
No vortice pasmoso,—
O vulto do guerreiro e do poeta,
Sobre o seu pedestal, em vasta scena,
Sustendo glorioso
« N'UA MÃO SEMPRE A ESPADA, E N'OUTRA A PENNA. »

Franklin Doria

SONETO

Por ti tudo affrontei... só a ti via,
Embrenhado nos indicos palmares,
E quando o vento alvoroçava os mares
Era a voz do meu Tejo que eu ouvia.

Por ti o soffrimento me aquecia
O amor robustecido dos azares, —
E a gruta de Macáu os meus cantares
Pela terra da patria repetia.

E eu soffria contente a agra provança,
O' patria de meus cantos tão amada,
Que foste a minha fé, e és a esp'rança!

Mas que! de Portugal vejo prostrada
Em Alcacer a indomita pujança!
Vivi... caíu a noite já fechada.

Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva

CAMÕES E PORTUGAL

Não foi, Camões, não foi Lysia madrasta;
Não desprezou teu estro sorprendente;
Como tu, Lysia afflicta e padecente
Soffria o jugo de uma grey nefasta.

De Lysia o coração, esse palpita
Co'o teu na guerra, e estremece ufano
Aos vôos do teu genio soberano;
Foi, Camões, teu algoz o jesuita.

O frade, a inquisição, a intolerancia,
Trevas nas mentes, duro fanatismo,
Que sujeitam a torpe despotismo
O proprio rei — abysmo de ignorancia;

Estes, sim, estes foram teus algozes;
Estes, e a inveja de enfezados émulos
De vingança sedentos, de ira tremulos
Te deram a curtir maguas atrozes.

Compellem-te a deixar o ninho amado;
De perto, ou longe, sem perder de vista
Os passos teus, não tem para o soldado
Premio melhor que p'ra o divino artista.

Ah! não foi Lysia, não, não foi ingrata;
Lysia teus versos lê, e os comprehende;
Ella estima o seu vate, ella o exalta,
E dá-lhe esmola quando a mão lhe estende.

E que mais dar então Lysia podia,
Avassallada a despotas crueis?
Fraca, quando morreste ella morria...
Caíu, ajoelhando-se a teus pés.

Mas depois renasceu. Animo novo
Enche-lhe o peito, e na viril requesta
Da liberdade, triumphou o povo;
E o culto a que tens jus logo te presta.

Não foi, Camões, não foi Lysia madrasta;
Si então não pôde coroar o filho,
Hoje lhe rende uma homenagem vasta,
Qu'inda reis não tiveram, tal seu brilho.

Franklin Tavora

HOMENAGEM A CAMÕES

NO TRICENTENARIO DE SUA MORTE.

I

Salve, Camões! O raio de teu genio
O horizonte da Historia hoje illumina;
E' teu poema para a terra inteira
Fonte caudal de inspiração divina.

Foste de Deus o arauto grandioso;
Foste o rei soberano da harmonia;
Da lyra eterna temperou-te as cordas
O archanjo, que preside á poesia.

Do genio o sello assignalou-te a fronte;
Chamma, que infunde o céu, ferveu-te n'alma;
Foi-te laurel a auréola da gloria;
Na mão sustentas do martyrio a palma.

Nas margens do Mecom — quasi teu Lethes, —
Tu soluçaste magoadas queixas,
E os écos de teus canticos gemeram
Dos salgueiraes nas humidas madeixas.

Carpindo de Sião saudade amarga
Do turvo rio na deserta escarpa,
Como os vates do Hermon no duro exilio,
Feriste lacrimoso as cordas d'harpa.

Quem ha, que possa acompanhar teus vôos,
Si embocas, ó Camões, de Homero a tuba?
Quem ha, que nos arrojos da epopéa,
De teu estro de fogo á altura suba?

Inda parece desenhar-se aos olhos,
Nas solidões do Cabo Tormentoso,
De Adamastor o vulto gigantesco,
Envolto n'um bulcão caliginoso.

Troa-lhe a voz tremenda, rebôando
Sobre escarcéus de espumas referventes;
Males sinistros prophetisa aos Lusos,
Rangendo em furia os amarellos dentes.

Inda murmuram do Mondego as aguas
Os maviosos ais de Ignez de Castro,
E seu tragico fim as alvas nymphas
Inda carpem nas urnas de alabastro.

Inda os cedros da Fonte dos Amores
Choram ao vento a lutuosa nenia.
Como em Tauride o mar nas rochas vibra
Os tristes ais da misera Iphigenia.

Nymphas, que ardente engenho lhe infundistes,
Soprae-lhe a furia sonorosa e grande;
E a marcia tuba aos terminos do mundo
Leve o canto immortal e aos céus o mande.

Oh! sim; aos céus! O Pantheon da Gloria
Abriu ao luso vate os atrios d'ouro,
Onde Homero e Virgilio e Tasso e Dante
Cingem-lhe á fronte verdejante louro.

Oh! sim; aos céus! A chamma do civismo,
Pura, sagrada, lhe inflammava o peito;
Nunca ao berço natal mais amplo esforço
De acrysolado amor pagou seu preito.

Oh! como a flux dos labios lhe rebentam
Da patria historia os lances de heroismo!
Como a Nuno, a Pacheco, a Almeida, ao Gama
Ergue no aceso arroubo do lyrismo!

Inclinae, grande rei, o tenro gesto,
Que em vós resplende magestade tanta;
Curvae ao vate a fronte coroada;
Que o verdadeiro rei é quem vos canta.

Esse poeta é rei, que dá corôas (*)
E eternisa a memoria aos reis da terra;
E seu poema—monumento augusto—
Todo da heroica Lysia o genio encerra.

Tentemos repetir em rouco accento
Alguns dos écos do cantor sublime;
Não se veja na audacia orgulho insano,
E sim o culto, que o respeito exprime.

II

Respira brando o vento, inchando as velas
A's leves náus dos novos argonautas;
Emquanto o Thyonêo prepara insidias,
Por dar á morte as victimas incautas.

Sob um docel de estrellas fulgurantes
Preside Jove ao divinal concilio;
O grave assumpto, que lhe volve a mente,
Mais lhe carrega o austero supercilio.

Em prol da causa dos barões valentes
Trôa do rei do Olympo a voz pujante;
Oppõe-se Baccho, e a Venus, que o contesta,
Marte sustenta a causa triumphante.

Desmaia a luz de Apollo ao rijo golpe,
Que deu no solio puro o Deus da guerra;
Vence Erycina, e em regiões da Lybia
Mostra Mercurio a Vasco amiga terra.

(*) Não sou eu quem o diz; é Carlos IX no seguinte distico a um poeta:

Et pourtant tous les deux nous avons des couronnes;
Mais roi — je les reçois — poète — tu les donnes.

Colhe velas a frota em Moçambique;
A ancora fere o mar, que as náus orvalha;
E, a tanger anafis, mourisca turba,
Subindo a bordo, no convez se espalha.

Damnada inspiração lhe turva o siso
E a leva a provocar a forte gente;
Já de sangue infiel o mar se tinge;
Já lhe varre os bateis pelouro ardente.

Lá restruge o canhão;— sulphureas nuvens
Toldam ao sol a face radiante;
E a raça infida, prosternada em terra,
Treme aos écos da orchestra trovejante.

O infiel Regedor, temendo a furia
Do grande capitão da armada lusa,
Humilde alcança a paz; que o forte peito
Generoso perdão jámais recusa.

Em pratica já põe o mouro astuto
Plano infernal do filho de Semele;
Sob o disfarce de piloto amigo
A naufragio cruel as náus impelle.

Mas tu, Cyprina, a direcção lhes mudas,
Do tredo porto desviando as prôas;
E, a frustrar novo ardil do Deus das Indias,
Como rapida seta aos mares vôas.

III

Eis presto as Nereidas, surgindo das furnas,
Rodeam a frota, que oscilla nas aguas;
Tritão, que soberbo levava Dione,
Da ardente petrina se abrasa nas fraguas.

Encostam as nymphas os peitos nas quilhas,
Que, ao magico impulso, da costa recuam;
A faina referve, restruge a celeuma,
E os mouros se arrojam nas vagas, que estuam.

Ao céu, que o salvára, dá graças o Gama,
E invoca o soccorro da Guarda Divina;
O supplice rogo, que as almas commove,
A's plantas de Jove conduz Erycina.

Fendendo as campinas da abobada etherea,
De estrellas já pisa na esphera brilhante;
Penetra segura recessos do Empyreo,
E surge ante o solio do grande Tonante.

A face affrontada do afan do caminho,
De gloria e belleza serena resplende;
O olhar, em que a força do amor se concentra,
Espaços, estrellas e pólos acende.

Sem vestes, que occultem celestes encantos,
Tal como ante os olhos surgira de Anchises,
Inflamma em volupia, mostrando entre sombras,
Dos lyrios divinos incertos matizes.

Fluctúa aurea coma beijando-lhe o collo;
Andando, estremecem-lhe os seios de neve;
Desejo arrojado se enlaça ás columnas,
E sobe a thesouros, que a mente descreve.

Estala em ciumes Vulcano irritado;
O peito de Marte transborda em delicias;
E mais melindrosa que triste, Acidalia,
Do pae, que a estremece, recebe as caricias.

Altera uma sombra de vaga tristeza
O meigo sorriso, que os labios lhe inflora;
Semelha seu rosto, banhado de pranto,
Cecém rociada do aljofar da aurora.

O pae do universo, beijando-a no rosto,
Ao peito a conchega e enxuga-lhe o pranto;
Prediz-lhe a grandeza futura dos Lusos;
Terror do universo, dos évos espanto.

Descreve-lhe as quinas, varrendo o oceano,
Que ferve abrasado de fogo e metralha,
E como em conquistas na face da terra
O luso dominio se firma e se espalha.

O filho de Maia, batendo os talares,
A frota a Melinde dirige em bonança;
E manda, por ordem de Jove supremo,
Que tenha uma tregua tão longa provança.

IV

Agora tu, Calliope,
Do vate a voz inspira;
E eternos carmes epicos
Solte afinada a lyra.

Que sôe aos feitos inclytos
Igual o altivo metro;
Seja o poeta altiloquo,
Aureo e divino o plectro.

De mui remotos seculos
Data de Lysia a origem;
Some-se o berço mythico
Do tempo na caligem.

De antiga estirpe slavica,
— O illustre conde Henrique
Deixára o throno ao inclyto
Affonso — heróe de Ourique.

Porém Theresa — a discola,
Do sceptro quiz prival-o;
A' frente de um exercito
Foi elle á mãe tomal-o.

Jaz em profundo ergástulo
A cúpida princeza;
Seu pae, aceso em colera,
Acode-lhe em defeza.

Aperta em cerco asperrimo
O filho desvairado ;
Mas Egas fidelissimo
Aplaca o velho irado.

Affonso, ingrato e perfido,
Falta á palavra dada ;
Muniz se offerta victima,
Mantendo a fé jurada.

O' probidade emerita !
Leal dedicação !
Has de passar dos posteros
A' extrema geração.

Eis contra o Mouro indomito
Affonso as armas brande ;
Que almeja o rei catholico
Dominio forte e grande.

São cinco os reis belligeros,
Que imperam Tejo além ;
A' frente Ismar intrepido
Apercebido vem.

O mártyre do Golgotha
Mostra-se a Affonso Henriques ;
O enthusiasmo fervido
Do povo rompe os diques.

Sôam trombetas horridas;
Ferve cruenta a guerra;
Rios de sangue esqualido
Tornam vermelha a terra.

Gladio de fina tempera
De Ismar o craneo abóla;
O forte mouro exanime
Na vil poeira róla.

Braços, cabeças, visceras,
Coalham o chão da mórte;
Rúe em confuso estrepito
Toda a infiel cohorte.

Real! Real! — unisona
A grey de Affonso exclama;
E por seu rei legitimo
Em massa o povo o acclama.

Lisbôa e Cintra — a frigida —
Dão preito ao novo rei,
Que a Mafra, Arronches, Obidos,
De Christo impõe a lei.

Já deitam longe os terminos
Do Portuguez dominio;
Sente-se o Mouro Hisperico
Vizinho do exterminio.

Affonso, quasi invalido,
Parte a acudir o filho,
E alça em victoria esplendida,
Ao patrio Marte o brilho.

Presta o fiel Teutonico
A Sancho o auxilio seu;
Sylves, sujeita aos barbaros,
Aos Lusos se rendeu.

Toma outro Affonso Alcácere;
Vae outro Sancho ao throno,
Deixando a causa publica
Perder-se no abandono. (*)

Reina Diniz magnanimo,
— Das lettras o Mecenas,
Que sóbe altivo ao Hélicon,
Nos braços das Camenas.

Affonso, a quem o epitheto,
A Historia deu de *bravo*,
Vence no Algarve o Arabe,
Que opprime e torna escravo.

O quarto Affonso insurge-se
Contra seu proprio pae;
Mas o celeste anathema
Na fronte não lhe cáe.

(*) Já o uso admittiu o vocabulo como synonymo de desamparo.

A esposa formosissima
De Affonso de Castella,
Esparsa a coma, e em lagrimas
Banhando a face bella;

Ao Luso rei benevolo
—Seu pae— afflicta implora
Que leve aos plainos Beticos
Soccorro sem demora.

Trava-se o prelio rigido;
Tinem no embate os ferros;
Fogem os Mouros pávidos,
Soltando horrendos berros.

Com pilhas de cadaveres
Rubro o Salado corre;
E o Granadil miserrimo
Tomba ferido e morre.

Envolva crepe funebre
O braço do alaúde;
E em notas melancolicas
Do canto o som se mude.

De Ignez o caso tetrico,
Que os mortos desenterra,
Em monodia lugubre
Sôe por toda a terra.

Ignez em scisma placida
Junto ao Mondego ameno,
Que pelas veigas flóridas
Deslisa tão sereno.

Só via nos reconditos
Da acesa phantasia
Doces visões angelicas,
Imagens de alegria.

Despreza excelsos thalamos
Por ella o regio amante,
Preso aos encantos magicos
Do senhoril semblante.

O rei, temendo os impetos
Do povo, que murmura,
Condemna á morte tragica
A triste sem ventura.

Vogaes, antes carnifices
Do que leaes ministros,
São conselheiros intimos
De planos tão sinistros.

Ignez, na azul abobada
Fitando olhos chorosos,
Junto aos filhinhos timidos,
Tão meigos e formosos;

Levanta humilde supplica:
Por elles intercede;
Do rei hesita o animo;
E alfim ao povo cede.

Rasgam punhaes sacrilegos
O peito alabastrino;
Alastra-se de aljofares
O rosto peregrino.

Qual a bonina candida,
Colhida prematura,
Que ás mãos de moça impróvida
Perdeu viço e frescura:

Assim formosa e pallida
Jaz a infeliz princeza;
— Das perfeições o symbolo,
Transumpto de belleza.

Do azul Mondego as Nayades
De Ignez o fim choraram,
E de seu pranto as perolas
Em fonte se mudaram.

As frescas aguas limpidas,
Correm por entre flôres;
— Éco e lembrança vívida
De tão gentis amores.

Pedro aos malvados aulicos
Inflige atroz castigo;
Foi justiceiro e acerrimo
De crimes inimigo.

Veiu em seguida o frivolo,
Ignavo rei Fernando,
Que á concubina adultera
Do reino entrega o mando.

V

Já das trevas, que a patria enluctavam,
Emergiu um clarão de bonança;
Pois Joanne, que o sceptro empunhára,
Traz ao povo a perdida esperança.

Morre Andeiro, o perverso valido,
Junto aos pés da impudica Leonor;
Corre o sangue, e Lisboa assombrada
E' theatro de scenas de horror.

De Leonor e Fernando era filha
Beatriz, de Castella rainha;
Assental-a no throno dos Lusos
A Leonor e Castella convinha.

Junta forças João de Castella
Para vir combater Portugal.
Contra aquelles, que tibios vacillam,
Ergue Nuno um protesto leal.

« Póde haver quem os fóros da patria
Não sustente brioso (exclamava)!
Descendeis dos valentes de Ourique,
E esta terra quereis ver escrava?!

« Eia, sus! gente forte e invencivel,
Avançae contra as hostes guerreiras;
Como vossos avós o fizeram,
Decimae de Castella as fileiras.

« E si fordes tão vis e covardes,
Que do ousado inimigo fujaes,
Vencerei todas essas phalanges,
E outras muitas, si houver inda mais. »

Já dos peitos se espanca o receio
A's palavras de Nuno esforçado;
Qual prepara a pesada armadura;
Qual adestra o ginete arreiado.

E Joanne, do exercito á testa,
Marcha em meio de bençãos ardentes;
Inimiga celeuma recebe
As cohortes dos Lusos valentes.

Dando féra o signal do combate,
Castelhana trombeta estrondêa;
E na estensa campina espalhado
Arrogante o inimigo pompêa.

Guadiana recúa de espanto;
Longe os écos do Artábro gemeram;
Abraçaram-se as mães aos filhinhos;
Muitos fortes de medo tremeram.

O tropel dos fogosos ginetes
Fere a terra e nos valles rebôa;
O tremendo trovão da refrega
Pavoroso os ouvidos atrôa.

Teve o rei de bater Portuguezes,
Que na luta os irmãos aggrediram;
Mas aos golpes crueis dos montantes
Os infames traidores caíram.

Juncam mortos o chão da peleja;
Tomba d'haste o inimigo estandarte;
Foge o rei de Castella vencido
E a seu reino apressado se parte.

Mas D. Nuno, que a gloria das armas
Alto préza, affrontando o perigo,
Passa o Tejo, e victorias brilhantes
Vae ganhar no dominio inimigo.

Tendo em terra ultimado as conquistas,
Eis Affonso sulcando o oceano;
Toma Ceuta, expellindo Agarenos;
Firma posse no sólo africano.

De Duarte foi curto o reinado
E curtido de grande afflicção;
Pois captivo ficára dos Mouros
D. Fernando, seu misero irmão.

Outro Affonso triumpha de Arzilla,
E em Castella (oh desdita!) é vencido;
Por salvar a seu pae balda esforços,
D. João, o soldado aguerrido.

Em procura do berço do dia
Partem náus ao gangetico imperio,
E do antigo Oriente sagrado
Rasga a Europa o vedado mysterio.

Mas os fortes, que ás indicas plagas,
De João a mandado, aportaram,
Não reviram o sólo da patria
E entre a gente de Brahma acabaram.

Manoel toma o leme do Estado,
Pondo mira na empreza encetada;
E por mar, inda virgem de quilhas,
Guia Vasco dos Lusos a armada.

Ancião, venerando no aspecto,
Quando a frota largou de Lisbôa,
Sobre a feia ambição de dominio
Longo tempo falando, arrazôa.

Ouvem todos de fronte acurvada
A lição tão severa e opportuna;
Té que a frota saíu barra fóra
Sob o vento, que as velas lhe enfuna.

VI

Mas já cançados vão os fortes navegantes,
Só vendo mar e céu em tão comprida rota;
Ouve-se d'alta gávea o brado: Terra, terra!
E singra para o porto a lusitana frota.

Habita raça negra o solo, que descobrem;
E' gente primitiva, estupida, selvagem;
Fala por ademães; não ha nos Portuguezes
Quem lhe possa entender a singular linguagem.

E quando, confiado em mostras de amizade,
Desce Velloso á terra e vae subindo o oiteiro,
A cafila traidora, a setas e pedradas,
O faz voltar ás náus em passo bem ligeiro.

Deixam a praia ingrata; os ventos são galernos;
Cortam suavemente os não sulcados mares;
Quando em tranquilla noite o temeroso vulto
De nuvem carregada expande-se nos ares.

Estruge ao longe o mar, bramindo impetuoso,
Qual si açoitasse em vão esteril penedia;
Os nobres corações de susto desfallecem,
E prece fervorosa o Gama aos céus envia.

Medonha surge então do céu no fundo escuro
Figura colossal, de proporções disformes;
Torva-lhe intonsa barba o carrancudo senho;
Afundam-se-lhe os olhos em orbitas enormes.

Na fronte se lhe apinha enxovalhada grenha;
E' livida do rosto a côr terrena e baça;
Rangem na bôca negra amarellados dentes;
Tem na postura má esgares de ameaça.

O rouco tom da voz é qual trovão medonho,
E como si o soltasse o mar do fundo abysmo;
Fatal estremeção, gelado, horripilante,
Correu por quem o ouviu do horror no paroxysmo.

O monstro futurou torrentes de desgraças,
Vingança e mal sem conto aos lusos valorosos;
Predisse a quem passasse os terminos vedados
Naufragios, perdições, castigos horrorosos.

Predisse de Leonor a sorte miseranda,
Lançada pelo mar em aspera fragura;
Vendo morrer á fome os filhos innocentes,
Despida, exposta ao sol em transes de amargura.

Predisse o triste fim dos dois fieis esposos,
Em lagrimas regando a praia inexoravel;
E da prisão formosa as almas exhalando
Em deliquio de amor, angelico, adoravel.

Contou como, buscando a armada de Neptuno,
Vira Thetis na praia, inteiramente núa;
E perdido de amor, á nympha, para sempre,
Deixou de todo presa a liberdade sua.

Contou de Doris bella o ardil astucioso:
Contou que, vendo ao longe o vulto idolatrado,
Correu como insensato, os braços lhe estendendo,
E faces e cabello oscúla apaixonado;

Mas, suppondo afagar a nympha de seus sonhos,
Ao seio conchegava um monte pedregoso,
Beijando delirante asperrimo penedo,
Tomado pelo rosto angelico, formoso.

Contou como de Jove os rispidos castigos,
Impostos aos Titães, na fronte lhe pesaram:
Como se lhe volveu a carne em terra dura,
E os ossos em fraguedo afinal se transformaram.

Deu fim á narração com chôro lamentoso,
Que além repercutiu nas cavernosas fraguas;
Desfez-se em leve bruma a fórma gigantêa,
E, qual humido véo, pairou por sobre as aguas.

VII

Sáe a frota de Melinde,
Provida e refocillada;
Que inda tem por largo espaço
Viagem afadigada.

Não soffre Baccho invejoso
Vêl-a andar em rumo certo,
E inda tenta destroçal-a
Sobre o cérulo deserto.

Desce do rei do Oceano
Ao lindo paço marinho;
Entra assim no reino d'agua,
(Caso estranho)! o deus do vinho.

No sitio, em que o mar se occulta
Em altas fundas cavernas,
Neptuno e os deuses do argento
Tem as moradas eternas.

Em chão de areia de prata
Poisam torres crystallinas;
Fulgem por todas as salas
Portas d'oiro e pedras finas.

Maravilhosa esculptura
Representa os elementos,
E de Typhêo sob o Ethna
Os cruciantes tormentos.

Cumprindo paternas ordens,
Tritão o seu busio emboca,
E para os humidos paços
Os deuses do mar convoca.

Tritão, filho de Neptuno,
Era seu nuncio e trombeta;
Tinha feia a catadura,
Grande o corpo, a pelle preta.

Eram limos prenhes d'agua
A barba e os crespos cabellos,
Que lhe desciam dos hombros
N'uns enroscados novellos.

Camarões, musgosas ostras,
Mexilhões e caramujos,
Pendem da grenha e se agarram
Aos membros torpes e sujos.

Traz, á guisa de barrete,
Casco de enorme lagôsta,
Que inda conserva apegada
De lodo nojenta crôsta.

Inchando as amplas bochechas,
Começa a concha a tocar;
E os seus écos resoaram
Por toda a estensão do mar.

Acodem todos os deuses
Ás ordens de seu monarcha;
Traz a prole o velho Oceano,
Que é do mar o patriarcha.

Vem a esposa de Neptuno
Em fino sendal envolta;
A luz, que vibra dos olhos,
Serena a vaga revôlta.

Sentam-se em solios luzentes;
Todo o tumulto socega;
Em caçoilas de amethysta
Ambar cheiroso fumega.

Ouvem todos commovidos
Do irado Baccho os queixumes;
E o deus em fallaz discurso,
Acende a colera aos numes.

Contra os heróes animosos
Foi dada a cruel sentença;
A frota no equóreo abysmo
Sumir-se vae sem detença.

Eólo os ventos liberta
Da prisão, que os encerrava,
E elles correm toda a terra,
Rugindo com furia brava.

Erguem as náus sobre o dorso
D'escarcéu, que busca os astros;
Pendendo ao vaivem medonho,
Roçam n'agua os altos mastros.

O mar desloca montanhas,
Revolve as rochas do fundo.
Desmaia a luz das estrellas ;
Nuta a machina do mundo.

Vôam velas em farrapos:
Cáe a verga, a nave adórna ;
Custosa ao forte balanço,
Toda a manobra se torna.

Relampagos inflammados,
Crebros a vista deslumbram;
Raios mil rapidos rasgam
As trevas, que a esphera obumbram.

Vendo imminente o naufragio,
Vasco invoca a Santa Guarda,
Que a quantos n'ella confiam
Jamais o auxilio retarda.

Emquanto formúla a prece,
Redobra o furor dos ventos;
O céu vacilla em seus eixos
Na luta dos elementos.

Mas Venus, que o sol precede,
Rasgando da noite o véu,
Já scintilla fulgurante
No sereno azul do céu.

Vendo a frota dispersada,
De Baccho a traça conhece;
E, banhada em formosura,
Ao seio dos mares desce.

Manda que as lindas Nereydas,
Requintando em seducção,
Attráiam os rijos ventos
A' crystallina mansão.

Cedem os filhos de Eólo
Cada qual á sua nympha;
Amor sacóde o seu facho
No seio da salsa lympha.

Só com vêr os meigos rostos,
Perderam todo o vigor;
Os aureos cabellos dellas
Lhes foram prisões de amor.

Tranquillo e sereno espelho
Tornam-se os mares bravios,
Por onde fagueira brisa
Suave impelle os navios.

Quebrava-se o sol nas ondas
Em milhões de aureos reflexos,
Quando os nautas se estreitavam
Em jubilosos amplexos.

Era que a frota singrava
Da India em seguro porto;
Era que a tantas angustias
Deus enviava conforto.

Todos no chão, de joelhos,
Curva a fronte, a Deus adoram,
E em sincera acção de graças
O celeste auxilio imploram.

VIII

Desembarcaram em Calecut,
Rica cidade do Malabar;
Mandou o Gama seu mensageiro
Ao rei da terra logo saudar.

Nessa cidade vivia um mouro,
Que a lingua lusa bem conhecia;
Sorpreso á vista dos Portuguezes,
Ao mensageiro, ledo, dizia:

« Como viestes aqui tão longe?
A taes paragens quem vos guiou? »
Responde o luso: « Fendendo mares,
Por onde d'antes ninguem passou. »

Monçaide (o mouro) procura a frota
E diz ao Gama: « Saudar-te vim;
Sabe que o chefe destes Estados
Titulo assume de Samorim. »

Pendiam todos dos labios delle,
Falar ouvindo da nova terra,
De seus costumes, governo e culto,
Das leis e castas e ardis de guerra.

E' tal imperio vasto e famoso;
Nelle se tece fina cabaia;
Tem ouro e gemmas; produz essencias
Mais perfumosas que as da Panchaia. »

Com grandes festas o Regedor
Acolhe o Gama e a lusa grey;
Mostra-lhe templos, jardins, riquezas,
E os lindos paços, que habita o rei.

Attenta Vasco nas maravilhas,
Que em grande cópia ha na cidade;
Ouve dos Indios a longa historia,
Que sobe ao berço da humanidade.

Ouve da boca dos sabios magos
Que estranho povo, forte, aguerrido,
Virá lançar-lhes seu brando jugo,
Alçando as glorias do rei vencido.

O luso egregio, d'honras cercado,
Entra nos paços do soberano;
E da viagem com firme accento
Diz-lhe os motivos, o fim e o plano.

Com vivas mostras de sympathia
O rei escuta tão dignas phrases,
E diz que, ouvidos seus conselheiros,
Dirá si aceita, si nega as pazes.

Manda que os Naires sondem seguros,
Intento e vistas da gente nobre;
A ver si o Gama diz a verdade,
Ou si perfidias no peito encobre.

Pasmam os Indios vendo pintadas
Altas façanhas nos estandartes;
Pasmam dos rasgos d'alto heroismo,
E dos progressos das lusas artes.

Vendo o demonio que o bom gentio
Quer a alliança do rei christão,
N'alma lhe acorda fallaz suspeita,
Por demovel-o dessa tenção.

Já no conselho dos principaes
Reina a discordia, paira a perfidia;
E o rei, que é presa de estranho influxo,
Illude o Gama com trêda insidia.

Já de pirata lhe irróga a pecha;
Chama-o de cabo de aventureiros;
Crê que é fingida tal embaixada,
Como lhe affirmam seus conselheiros.

Repelle o luso tão grave injuria ;
Na phrase altiva verdade exprime ;
Resalta aos olhos que a tal virtude
Não mancha a coima de infando crime.

Mas como abono de quanto affirma
O rei lhe exige rico presente ;
Um dos ministros mais cubiçosos
Que volte á frota lhe não consente.

Quanto é preciso para o resgate
Paulo da Gama das náus remette ;
E, livre a frota da gente infame,
De novo os mares prompta accommette.

IX

Some-se a terra desmaiando ao longe
Do horisonte do mar na incerta bruma;
Incham-se as velas e as agudas prôas
As ondas cortam, levantando espuma.

Santa imagem da patria! És tu, que augmentas
Nos fortes corações a anciedade!
A lembrança do lar, da esposa e filhos
Mais lhes aguça o espinho da saudade.

Que doces commoções! Quantos prazeres
Não lhes descreve a acesa phantasia!
Como as paredes do casal paterno
Hão de, ao vêl-os, pulsar d'alma alegria!

Basta de provações! A Cypria Deusa
Para os barões reserva horas propicias.
Quer que, olvidando as horridas fadigas,
Gozem na terra divinaes delicias.

N'esse inconstante mar, que tantas vezes
Ameaçou tragar as frageis quilhas,
Vae próvida crear mansão de gozos,
Que vença Idalia e Chypre em maravilhas.

Quer que a flôr das maritimas beldades,
—Essas que ornato são dos vitreos paços —
Apaixonadas de tão grandes feitos
Abram aos lusos amorosos braços.

Sobe Dione á crystallina concha,
Que mestas rôlas pelos ares tiram;
Azulam-se do espaço os véos ethereos;
Jazem os ventos, que de amor suspiram.

Com doces beijos inflammando a esphera,
Vão arrulhando as aves de Acidalia,
E d'uma gloria de offuscante brilho
A Deusa desce á nemorosa Idalia.

Lá forjavam Cupido e o côro alado
Passadores subtis, agudas setas,
Para ferir os corações sensiveis,
Que são de amor as victimas dilectas.

São combustiveis das eternas fraguas
Vivas entranhas, corações ardentes;
Agua o pranto de amantes infelizes;
Flamma o desejo e os zelos vehementes.

Gyravam bandos de mimosas nymphas,
Dando remedio aos ais dos mal feridos;
E no concerto dos gentis verdugos
Eram hymnos de gloria esses gemidos.

Da amena veiga no florído esmalte
Poisam o leve coche as mansas aves;
O puro alento da formosa deusa
Perfuma o ar de emanações suaves.

Beijam-lhe a mão divina os voadores;
Venus abraça o filho idolatrado,
Pede-lhe auxilio. Prompto á voz materna,
Arco e setas prepara o deus vendado.

Sobem na concha ás regiões dos ares;
Tomam a deusa de fallazes labios, (*)
Que a verdade e a mentira espalha ao longe,
Que exalta os parvos, que deprime os sabios.

Desce a Fama ás cavernas de Neptuno,
A celebrar o lusitano esforço;
Louva o forte valor da raça illustre,
Que ao perigo jamais voltára o dorso.

(*) *Duzentos* labios tinha eu escripto. porque quem tem cem bocas conta duzentos labios; mas recuei de medo que algum moderno critico impertigado me atirasse o — *Schoking* — da moda.

Vendo Cupido que em favor dos Lusos
Das Nymphas se inclinava a sympathia,
Certeiro as setas vibra, e cada tiro
Uma chaga de amor no peito abria.

Junta as pontas da lua em arco eburneo,
Para nelle embeber a hervada frecha,
Que da filha de Vesta, altiva e fera,
Ha de no peito abrir profunda brecha.

Tem cada qual na mente desenhadas
As feições de quem ama e nunca vira ;
Recebe cada qual lições de Venus,
E, adestrada no amor, de amor delira.

Docemente oscillando em mar de rosas,
Sulcam as náus as ondas aniladas,
E vôam sobre a liquida campina,
Por virações fagueiras bafejadas.

Eis surge ao longe em direcção da prôa
Bella, viçosa, a Ilha dos Amores;
Verde arvoredo ensombra os frescos valles,
No relvoso tapiz chovendo flores.

Lançam ferro em pacifica enseada,
Cujo limpido fundo a vista afaga;
N'alva praia de rubidas conchinhas
Nunca o bater do mar se altêa em vaga.

Serenas correm crystallinas aguas
Sobre doirada arêa murmurando;
Tanques de azul em placido remanso
Estão da esphera as tintas debuxando.

Toca a cidreira o chão, vergando aos pesos;
Esmalta aurea laranja a verde folha;
Entre os limões e os pomos, que os imitam,
Ninguem de certo hesitará na escolha.

Myrtos de Venus, alamos de Alcides,
Verdes pinheiros, de Cybele amados,
Louros de Apollo, funebres cyprestes,
Erguem aos céus os cimos aprumados.

Fructos diversos no sabor, na fórma,
Espontaneo produz o fertil solo;
Ostenta a vide os cachos bicolores,
E do vizinho olmeiro enlaça o collo.

Desmaia ante a romã rubim flammante;
Esplende ao lado em purpura a cereja;
Roxêa a amóra e o pecego, escoimado
Do toxico natal, no pé viceja.

Namora-se na lympha alvo narciso;
Floresce a linda anémone entre as rosas;
Como vexada, a roxa violeta
Timida esconde as petalas mimosas.

Roreja inda a cecém de fresco orvalho;
Conta o jacintho a Phebo o seu martyrio;
Entre as boninas, que o jardim matizam,
Abre a corolla ao sol candido lyrio.

De cada flor o calix delicado
Era caçoila de fragrante incenso,
Erguendo nos effluvios perfumados
As oblações da terra aos pés do Immenso.

Cantava o cysne á beira da corrente,
Casando a voz do rouxinol aos trillos;
Traz a mãe o sustento ao caro ninho,
Prompta acudindo aos tremulos pipillos.

Mira-se o gamo sem temor nas aguas;
Poisa quieta no vallado a lebre;
Nem a gazella timida receia
Que alguem do calmo abrigo a paz lhe quebre.

Espalhadas no bosque as nymphas bellas
Ou lyra, ou harpa, ou cythara tocavam;
Umas, nas mãos trazendo doirados arcos,
Andar á caça astutas simulavam.

Esperam os barões, mas sem que o mostrem;
Fingem que isentas vão e descuidadas;
Certas algumas do valor das fórmas,
Entram n'agua, de roupa despojadas.

Alguns dos jovens, que pisavam terra,
Iam em busca de animaes na selva;
Outros, ao manso murmurar das fontes,
Poisam no chão de avelludada relva.

Já Velloso entre os ramos, que tremúlam,
Viu caça de primor, estranha e nova,
Formas de hurís, que em marmore de Paros
Tentára embalde cinzelar Canóva.

Eram os lyrios das divinas carnes,
Que a côr da rosa pudibunda esmalta;
Nos véus traída a perfeição do corpo,
Mais irrita o desejo e a mente exalta.

Algumas d'entre a lympha saltam nuas;
Fogem por entre os myrtos olorosos;
Mas, abafando o pejo, alfim succumbem
Aos languidos deliquios amorosos.

Outras, fingindo susto, immergem n'agua,
Furtando aos olhos divinaes contornos;
Aquella vae a retomar na margem
Os, que nella despiu, gentís adórnos.

Que formosa caçada atrás das bellas (*)
Pelo flórido bosque! Oh! quanto almeja
A caça virginal chegue o momento,
Em que do caçador presa se veja!

(*) Vem andar a correr atrás das moças.
(Garrett.)

Qual, vestido, se atira na ribeira
Para n'agua extinguir a ardente chamma;
E qual, no encalço de cruel belleza,
Queixas de amor do coração derrama.

Victima de Cupido—eis vae Leonardo
Apoz a bella Ephyre fugitiva;
Todas rendidas são no altar de Venus;
Só essa aos brandos ais resiste esquiva.

Mas tão meigo Leonardo exhala as queixas,
Tão mavioso pinta as magoas d'alma,
Que a Nayade feroz, banhada em gozo,
Dos thesouros de amor lhe entrega a palma.

Só se escuta entre as verdes alamedas
Dessa eterna mansão da primavera
Riso entre chôro, suspirar cortado,
— Hymno elevado á Deusa de Cythera.

A rainha do mar, a altiva Thetis,
A um paço de crystal o Gama leva;
Canta-lhe as lusas glorias no Oriente.
Rasgando do porvir a espessa treva.

Já descançados os valentes nautas,
Apercebem as náus, velas desprendem;
Despedem-se da esposa de Neptuno
E, de regresso á patria, as ondas fendem.

Entra a barra do Tejo o Gama invicto,
Trazendo a chave do Indico oceano;
E ufano vae depôr tropheos brilhantes
A's plantas do monarcha lusitano.

Honra a quem devassou da aurora o berço!
Honra a quem deu a Lysia um mundo novo!
Salve! No alcaçar, consagrado ao Genio,
Ergueu-lhe o busto a gratidão do povo.

Honra ao cantor dos lusitanos fastos!
Joelho em terra! A Universal Historia
Leve aos vindouros de Camões o nome,
Como eterno padrão da lusa gloria!

X

Chumba a campa do vate o sello eterno.
Queimou Camões na pyra do martyrio
O que tinha de humano. Erguendo o vôo,
Subiu sua alma dos paúes da terra
A's espheras de amor, de luz, de aromas,
Onde, enlevando-o na visão celeste,
A bondade de Deus premeia o justo.
Aureola de gloria perduravel,
Que não se empana ao halito da inveja,
Luz-lhe na fronte. Seraphins e Thronos
E toda a côrte da milicia angelica
No seio de uma nuvem de fulgores

Cantam com elle *hosanna* harmonioso
No conspecto do Altissimo. O poeta
Roga ao Deus de eternal misericordia
Outorgue indulto á ingratidão da patria.
— Descaroavel mãe, que engeita e esquece
O maior de seus filhos. Castigado
Devia ser do céu tão negro crime:
Mas a fervida prece afasta o gladio,
Já prestes a ferir.
                    No anceio extremo,
Sentindo a morte enregelar-lhe a dextra,
Inda arrancava d'harpa esbambeada
Meigos hymnos de amor: eram da patria
Seus derradeiros, inspirados carmes.
Bem differente do romano austero,
Que ao seu berço natal negava os ossos,
Elle pedia á terra, em que nascera,
Breve espaço, que as cinzas lhe guardasse.

Começou a justiça dos vindouros:
Lavrou a Historia a imparcial sentença.

Esse genio gigante, immensuravel,
E' diva emanação do fóco immenso,
Da força creatriz, que vivifica
A face do universo; é raio ethereo,
Da Infinita, Suprema Intelligencia,
Que illumina os espiritos eleitos
Dos reis da inspiração. O instincto humano
Segue no mundo o radiante esteiro
Dessas almas de escol; é pobre a lingua

Para sagrar um nome aos grandes homens,
Nuncios do Eterno, interpretes sublimes
Da belleza idéal, que em Deus se encerra.

Camões é genio! A chamma de seu estro
Ha de viva esplender emquanto o mundo
Render culto ao que é puro e santo e grande
E a quanto exalta a natureza humana.
Sobre a lousa, que guarda os seus despojos,
Glorioso epitaphio está lavrado
Pelo universo, que é do Genio a patria;
Canonisou-o a humanidade inteira,
Que lhe repete o nome aos quatro ventos
E seu canto immortal transmitte aos evos.

Seu braço, armado de guerreira espada,
Colheu triumphos no sangrento campo
De Gibraltar e Ceuta; — o marcio louro
Junto ao de Apollo lhe enramára a fronte;
A mesma dextra, que derriba os mouros,
Dedilha as cordas da afinada lyra.

Eil-o em ledos saráus do regio paço
Delirando de amor á luz, que vibram
Da senhoril Nathercia os lindos olhos.
Arde nas fraguas de paixão profunda,
E sagra á dama, que lhe aceita os cultos,
Inspiradas canções, ternas endeixas.

Quão breves fostes, illusões doiradas!
Devaneios do céu! — Fugis desfeitos
Ao sopro queimador da intriga e inveja,
Qual se esvaece ao sol nevoa da aurora!

Vae saudades curtir em longo exilio:
Sulca o oceano. A vaga gemedora
E os rijos ventos, a zunir nas velas,
Formam sentidos écos, que se casam
Ao mago som, ás lettras merencorias
Do seu triste cantar. O doce nome
Da virgem de seus sonhos — repetido
Pelo deserto mar — nas brutas fragas
Despertou as maritimas deidades,
Que inda agora o repetem suspirando.
A gruta de Macáu, que o tem gravado,
Nunca mais o esqueceu: fagueira brisa
Rumoreja-o nos leques das palmeiras
E sobre as aguas do sagrado Ganges.

Ferve em serras o mar; tufões medonhos
Parecem deslocar as bravas costas,
Junto á foz do Mecom. Enorme vaga
Invade a náu, que em vortices se afunda.
Salva-se o vate sobre fragil prancha;
Fórça um dos braços a veloz corrente,
Outro, erguido no ar, sustenta o livro,
Que ha de perpetuar de Lysia a gloria.
Herculeo esforço! Provação tremenda
De quem contava attribulados dias
Por golpes e vaivens da sorte ingrata!

Que destino o do vate! A dor e o pranto
Turvam-lhe em sombra a vida amargurada;
E si um riso fugaz lhe roça os labios,
E' como o raio ephemero do occaso,
Que rompe as nuvens em chuvosa tarde.
Mas a desgraça é qual crysol ardente,
Que na fonte das lagrimas depura,
— Para expandil-a em ondas de harmonia—
A alma do poeta; os sons da lyra,
Si a desdita os extráe, são mais accordes.
Não quadra ao vate o jubilo sem travo.
A sombra, a treva, a voz da tempestade,
— Eis o que mais lhe apraz; precisa disso;
Qual de orvalho e calor precisa a planta.

Negreja no horizonte do poeta
Temeroso bulcão; desmaia a estrella
Que lhe fôra da vida o claro norte:
— Rosa troncada pela mão da Parca —
Cáe Nathercia no abysmo do sepulcro.
Envolve-se-lhe a lyra em vaso escuro,
E, tangidas do zephyro da campa,
Vão desferindo funebre epicedio
Cordas, que os ais de amor já suspiraram.

Fica-lhe a patria — só — Desalentado,
Enfermo, e em luta com penuria extrema,
Vela-lhe o pobre Jáu no lar sem lume
A vida, que se apaga; o pão da esmola
Mal lhe restaura as consumidas forças.

No leito do hospital recebe a nova
Da catastrophe atroz, que a patria enluta;
Já quasi extincta a misera existencia,
Soffre abalo mortal; na arca do peito
Lhe estala o coração de angustia immensa,
E em trémulo estertor levanta o brado:
« Morro ao menos comtigo, ó patria minha!

Cobriu o véu do tempo o grande crime
Do olvido ao luso vate; a nobre Lysia
Justa reparação tem dado ao mundo.
Hoje se exalta mais o povo illustre
Nesta homenagem posthuma e sincera
Ao principe dos épicos modernos.
Camões pertence ao mundo; o seu poema
E' do genero humano o patrimonio;
Mas aos que falam o idioma luso
Pertencem mais de perto os seus triumphos,
Seu renome immortal, seu genio excelso.

Eia! — povos irmãos em lingua e raça!
Communs nos são as tradições de gloria,
Que nesse augusto symbolo se encarnam.
Seja Camões o vinculo sagrado,
Que cimente a união dos dois Estados.
E quando o tempo os ultimos vestigios
De Lysia e do Brazil varrer da terra,

A voz da imparcial Posteridade
Ha de bradar aos povos do universo:
«Esse poeta é synthese sublime
«Da grandeza e valor dos Portuguezes»!

João Cardoso de Menezes e Souza

A LUIZ DE CAMÕES

Chego tarde ? Pouco importa !
Venho de longe, da historia ;
Temo que fechem-me a porta
Do templo da tua gloria...

Que importa ? Fico tranquillo :
Vinha trazer-te oblações ;
Mas mesmo do peristylo
Posso saudar-te, Camões !

Os operarios felizes,
Os millionarios de idéas
Que cream as *Beatrizes,*
Eleonoras e *Haydéas* ;

Elles que atirem-te as flores,
Elles que teçam-te as palmas,
Elles —as almas condores,
Elles —as almas das almas.

Emquanto que eu, pequenino,
E a quem qualquer luz deslumbra,
Canto de longe o meu hymno
Entre as sombras da penumbra...

Lins de Albuquerque

INDICE